



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Letras**  
**Departamento de Linguística, Português e Língua Clássicas**  
**Programa de Pós-Graduação em Linguística**

**Matheus Leopoldino da Cruz**

**EXCLAMATIVAS NÃO-SENTENCIAIS DO PB**

**Brasília, 2021**



**Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Linguística, Português e Língua Clássicas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística**

**Matheus Leopoldino da Cruz**

**EXCLAMATIVAS NÃO-SENTENCIAIS DO PB**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do grau de MESTRE em Linguística.

**Orientador: Prof. Dr. Paulo Medeiros Junior**

**Coorientadora: Profa. Dra. Ana Paula Quadros Gomes**

Dedico este trabalho aos meus pais, por serem meus guias e minha luz neste mundo.

## AGRADECIMENTOS

---

Agradeço principalmente aos meus pais, Fábio Cesar Pereira da Cruz e Eliana Leopoldino de Oliveira da Cruz, que sempre estiveram ao meu lado, apoiando-me em cada passo que dei.

Agradeço aos meus orientadores, Paulo Medeiros e Ana Quadros Gomes. Sem eles, com certeza este trabalho não teria saído do chão

Agradeço a Matheus Ely por revisar o abstract desta dissertação.

Agradeço a minha namorada, Victória Queiroz, que sempre me ajudou em tudo.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos, colegas e professores que encontrei ao longo dos últimos anos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## RESUMO

---

Esta dissertação analisa o fenômeno das exclamativas-Wh não sentenciais do Português Brasileiro, à luz da teoria dos Princípios e Parâmetros proposta por Chomsky (1995) e trabalhos subsequentes, tomando por base principal de análise a teoria de cartografia sintática de Rizzi (1997) e, mais recentemente, Rizzi e Bocci (2017). Este trabalho pretende avaliar questões de ordem sintática e semântica dessas frases. A análise dos dados mostrou que as exclamativas não sentenciais em PB são construções que se constituem na forma de um DegP que domina um AP, ao invés de uma estrutura sentencial composta por um CP, como o quer Sibaldo (2016). Analiso nesta dissertação os elementos mínimos para que haja o licenciamento da interpretação de exclamação, mais especificamente, analiso o papel dos nomes, dos adjetivos e dos morfemas de grau na constituição das referidas frases. A análise que aqui organizo demonstrou que a morfologia de grau, em PB, é altamente relevante para a constituição de determinados tipos de exclamativas (as que se constituem apenas com nomes ou com adjetivos não graduáveis (RETT, 2011)). São de especial interesse o morfema aumentativo, nos nomes e nos adjetivos, e o superlativo, nos adjetivos apenas. Ademais, defendo que, da mesma forma que o CP, o DegP possui uma estrutura mais rica do que aparenta, podendo ser desmembrado em pelo menos duas projeções para codificação da semântica de grau máximo, chamadas aqui de DegMaxP1 e DegMaxP2, uma posição para semântica de grau mínimo (que hospeda diminutivos), chamada de DegMinP e uma projeção para Tópico mais alta. A ideia que defendo aqui é a de que apenas DegMaxP2 é capaz de ativar a força exclamativa em contextos não sentenciais. A proposta semântica para o fenômeno gira em torno da constituição da ideia de avaliatividade (*Evaluativity*) e da existência de um morfema EVAL, ambos propostos nos trabalhos de Rett (2008, 2011), e como eles interagem com os nomes, adjetivos e morfemas de grau aumentativo, diminutivo e superlativo.

**Palavras-chave:** Exclamativas curtas; Sintagmas exclamativos; Grau; Cartografia

## ABSTRACT

---

This dissertation analyzes the phenomenon of non-sentential Wh-exclamatory sentences in Brazilian Portuguese in light of the Principles and Parameters theory proposed by Chomsky (1995) and of subsequent works, taking as the basis of analysis the syntactic mapping theory in Rizzi (1997) and, more recently, in Rizzi and Bocci (2017). This dissertation aims at evaluating the syntactic and semantic issues of these sentences. The data analysis showed that non-sentential exclamatives in BP are constituted by a DegP that dominates an AP, rather than a sentential structure composed of a CP, as Sibaldo (2016) tends to think. In this dissertation, I analyze the minimum elements for the licensing of exclamation interpretation; more specifically, I analyze the role of nouns, adjectives, and degree morphemes in the constitution of such sentences. The analysis developed here has shown that degree morphology in BP is highly relevant for the constitution of certain types of exclamatives (those constituted only by nouns or non-gradable adjectives (RETT, 2011)). Of particular interest are the augmentative morpheme, in nouns and adjectives, and the superlative, in adjectives only. Furthermore, I argue that, as well as CP, the DegP has a richer structure than it seems, and it can be broken down into at least two projections for encoding maximum degree semantics, here called DegMaxP1 and DegMaxP2, a position for minimum degree semantics (which hosts diminutives), called DegMinP, and a higher Topic projection. The idea I defend here is that only DegMaxP2 is capable of activating exclamatory force in non-sentential contexts. The semantic proposal for this phenomenon revolves around the constitution of the idea of evaluativity and the existence of an EVAL morpheme, both proposed by Rett (2008, 2011), and how they interact with nouns, adjectives, and morphemes of augmentative, diminutive, and superlative degree.

**Keywords:** Short exclamatives; Exclamative phrases; Degree; Cartography

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 .....	13
1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 O QUE É UMA FRASE EXCLAMATIVA? .....	13
1.2 APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	15
1.3 JUSTIFICATIVA.....	18
1.4 PERGUNTAS PARA PESQUISA .....	19
1.4.1 SINTAXE.....	19
1.4.2 SEMÂNTICA.....	20
1.4.3 MORFOLOGIA DE GRAU.....	21
1.5 OBJETIVOS .....	22
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....	22
2.1 ARCABOUÇO TEÓRICO.....	23
2.1.1 PRINCÍPIOS E PARÂMETROS PARA A LINGUAGEM HUMANA E O PROGRAMA MINIMALISTA (CHOMSKY (1986, 1995)).....	23
2.1.2 A PROPOSTA CARTOGRÁFICA .....	25
2.2 SINTAXE E SEMÂNTICA DAS EXCLAMATIVAS.....	33
2.2.1 A PROPOSTA DE ZANUTTINI E PORTNER (2003): FACTIVIDADE E WIDENING.....	33
2.2.2 AVALIANDO GUTIÉRREZ-REXACH (2008).....	37
2.2.3 A SEMÂNTICA DE GRAU: A PROPOSTA DE RETT (2011).....	39
2.2.4 A EXCLAMATIVA DE CONSTRUÇÃO DE GRAU EM CASTROVIEJO (2007) .....	41
2.2.5 O DegP.....	45
2.2.6 EXCLAMATIVAS COMO SMALL CLAUSES LIVRES EM SIBALDO (2016): AVALIANDO DADOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL .....	48
2.2.7 A SINTAXE DE EXCLAMATIVAS-WH NÃO-SENTENCIAIS DO PB: AVALIANDO LEOPOLDINO 2018, 2019.....	52
3 METODOLOGIA.....	56



4	REVISÃO DO CAPÍTULO 1.....	57
	CAPÍTULO 2 .....	59
1	A HIPÓTESE DO CP: AVALIANDO SIBALDO (2016).....	60
2	AS EXCLAMATIVAS CURTAS COMO DegPs .....	65
2.1	AVALIANDO A ESTRUTURA DAS EXCLAMATIVAS COMO DegP .....	67
2.2	MAIS POSIÇÕES NO DEGP?.....	80
3	INTERFACE SINTAXE SEMÂNTICA .....	82
4	REVISÃO DO CAPÍTULO.....	87
	CAPÍTULO 3 .....	89
1	TIPOS DE ADJETIVOS EM CENÁRIOS EXPRESSIVOS .....	90
1.1	A QUESTÃO DOS ADJETIVOS DE GRAU E AS EXCLAMATIVAS CURTAS NO PB: AVALIANDO SUDRÉ (2020) .....	93
1.1.1	A QUESTÃO DE EXPRESSIVIDADE EM PORTUGUÊS .....	94
2	O MORFEMA EVAL E O SUPERLATIVO EM EXCLAMATIVAS NÃO SENTENCIAIS .....	99
2.1	A AVALIATIVIDADE NAS EXCLAMATIVAS-WH.....	101
2.2	O AUMENTATIVO E O DIMINUTIVO EM NOMES E O TRAÇO EVAL .....	105
2.3	A QUESTÃO DOS NOMES EXPRESSIVOS .....	108
2.4	O EFEITO DA MORFOLOGIA DE SUPERLATIVO EM ADJETIVOS SEM GRAU EM AMBIENTES EXPRESSIVOS .....	109
3	OS ADJETIVOS DE GRAU ABSOLUTO.....	112
4	UMA ANÁLISE ALTERNATIVA.....	114
5	REVISÃO DO CAPÍTULO.....	117
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
	REFERÊNCIAS.....	122

## APRESENTAÇÃO

---

A linha teórica denominada Gramática Gerativa, proposta pelos estudos de Noam Chomsky na década de 50, estabelece uma análise da gramática predicada na existência de propriedades radicadas na mente humana. Tal perspectiva linguística entende que a mente é modular e é dotada de um espaço especificamente destinado a utilização da linguagem, conhecido como Gramática Universal. Essa qualidade, conferida apenas à espécie humana, é de essência genética e vem equipada com uma série de Princípios, entendidos como universais, e Parâmetros, entendidos como particulares a determinadas línguas. Um sistema computacional, que opera por meio de uma espécie de algoritmo específico, organiza objetos sintáticos, enviando-os para uma interface fonológicas e uma semântica, que interpretam, cada uma, os traços relevantes para si desses objetos, organizando então o processo da linguagem. Sob o olhar dessa linha de estudo, pretendo avaliar o fenômeno das frases exclamativas.

Trabalhos que se propõem a analisar frases exclamativas, se comparados às análises feitas sobre outras tipologias frasais, como relativas e interrogativas, não são tão numerosos, o que constitui um problema para a teoria linguística, visto que essas expressões são corriqueiramente utilizadas pelos falantes e constituem material comunicativo único. Tal material diz respeito à noção de surpresa provocada no falante por algum acontecimento ocorrido ou tornado ciente ao enunciador próximo do ato de enunciação.

Essas expressões, como veremos ao longo desta dissertação, ajudam a trazer luz sobre determinados fenômenos e estruturas. A análise que se pretende fazer aqui consiste em avaliar os elementos mínimos que permitem a enunciação de uma exclamativa não sentencial. Mais especificamente, procurarei entender qual é o papel do adjetivo (e dos

diferentes tipos de adjetivos), do nome, da morfologia de grau e dos intensificadores no licenciamento das frases exclamativas.

É importante salientar que o tipo de exclamativa que é o objeto deste trabalho é a não sentencial, que aqui considero a sentença em que não aparece um verbo.

Pelo que vou avaliar aqui, é possível observar inicialmente que em PB, exclamativas curtas (não sentenciais), podem se estruturar de algumas maneiras, quais sejam ‘que’ + adjetivo, que + substantivo, que + substantivo + adjetivo, que + adjetivo + substantivo.

- (1) a. Que lindo!
- b. Que carro!
- c. Que carro lindo!
- d. Que lindo carro!

O adjetivo também consegue integrar contextos exclamativos sozinho, sem nenhum outro termo que o acompanhe; essa característica não é compartilhada pelo substantivo.

- (2) a. Lindo!
- b. \*Carro!

No caso dos nomes, a morfologia de grau parece ter papel importante na ativação da ilocução exclamativa, no caso de construção contendo nomes nus:

(3) Carrão!

No capítulo 1, a seguir, detalho com mais profundidade essas questões, exponho a metodologia de elaboração do trabalho, detalho os dados usados na análise, delimito os objetivos e as perguntas que pretendo responder ao longo dos capítulos restantes.

## CAPÍTULO 1

---

### QUESTÕES GERAIS E PROBLEMAS DE PESQUISA

No presente capítulo, faço uma primeira apresentação dos dados de exclamativas que pretendo debater nesta dissertação, estabeleço os objetivos da pesquisa, avalio as questões intrigantes envolvendo os dados do PB e apresento o arcabouço teórico que guiará a pesquisa e a análise dos dados, bem como apresento um pouco do “estado da arte” sobre as exclamativas curtas e alguma análise que tenha sido feita para essas construções no PB.

Apresento, ainda a metodologia de trabalho e construo as perguntas que pretendo responder ao longo da dissertação. Passemos então às primeiras ideias.

#### 1 INTRODUÇÃO

##### 1.1 O QUE É UMA FRASE EXCLAMATIVA?

Ao usar uma exclamativa, o falante indica um sentimento de surpresa (em inglês, “*amazement*”) em relação a determinado evento ou característica de uma entidade. Para ilustrar esse ponto, pensemos no seguinte contexto: imaginemos que Laura foi ver o seu amigo, Pedro, competir em uma corrida. Imaginemos ainda que Laura acredita que Pedro não está preparado para a corrida ou que, no mínimo, os outros competidores estão mais bem preparados que ele. Suponhamos, então, que Pedro chegue em primeiro lugar, contrariando as expectativas de Laura, que, então, poderia enunciar a seguinte frase:

(1) O Pedro ganhou a corrida!

O enunciado, claramente, expressa a surpresa de Laura com o resultado obtido pelo amigo.

Em uma segunda situação, imaginemos que Carlos vá à casa de João almoçar. Carlos sabe que João tem fama de não ser um bom cozinheiro, então ele já vai preparado para uma refeição ruim. Porém, quando ele experimenta a comida do amigo, ele a adora. Carlos, então, surpreso, exclama:

(2) Que comida maravilhosa você fez!

Tanto em (1) quanto (2), as expectativas dos falantes foram ultrapassadas e ambos demonstram certo grau de emotividade por meio das sentenças que enunciaram; nesse caso, sentenças exclamativas. Em (1), como já mencionei, a falante expressa emoção pelo fato de Pedro ter ganho a corrida; em (2), o falante demonstra surpresa pela propriedade da comida que João fez.

Entende-se, portanto, por exclamativa a frase que evoca algum tipo de emoção extrema (tanto positiva quanto negativa), geralmente uma expressão de surpresa, em relação a algo. O presente estudo debruça-se sobre a análise de construções exclamativas no português brasileiro, mais especificamente as exclamativas-wh não sentenciais<sup>1</sup>. A

---

<sup>1</sup> Chamo de exclamativas não-sentenciais as exclamativas que não contêm uma forma verbal, não se constituindo em uma estrutura oracional.

seguir, passo a discriminar quais questões sobre essas estruturas sintáticas pretendo explorar.

## 1.2 APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O Português Brasileiro apresenta alguns tipos de frases exclamativas, como se pode ver nos exemplos abaixo:

- (3) a. Sua casa é linda!  
b. O Pedro ganhou a corrida!
  
- (4) a. Que linda casa você tem!  
b. Que linda que é sua casa!  
c. Que filhos inteligentes você tem!  
d. Que carro é esse!
  
- (5) a. Que lindo carro! / Que carro lindo!  
b. Que lindo!  
c. Que carro!

Em (3.a) e (3.b), temos uma sentença que apresenta organização sintática semelhante à de uma frase declarativa comum; a entonação é responsável pela ativação da força exclamativa da sentença. As sentenças (4.a-d) apresentam uma estrutura um pouco diferente: constituem-se em orações contendo uma palavra-wh (que), com carga exclamativa. As construções em (5) também apresentam uma estrutura com um termo-

Wh, mas não há nelas um verbo. Chamarei essas últimas de Exclamativas-Wh não sentenciais, e – neste trabalho – vou-me ocupar com a análise destas.

Como é possível ver em (5) acima, as Exclamativas-Wh não sentenciais podem apresentar estrutura variada, a saber:

- A. ‘Que’ + Adjetivo + Substantivo / ‘Que’ + Substantivo + Adjetivo<sup>2</sup>
- B. ‘Que’ + Substantivo
- C. ‘Que’ + Adjetivo

Além disso, com base em (5.a), também é possível derivar estruturas menores como as que se veem a seguir:

- (6) a. Que lindo!
- b. Lindo carro!
- c. Lindo!

Como é possível observar, o adjetivo sozinho em (6.c) é suficiente para ativar a força exclamativa e construir uma frase com esse conteúdo ilocucionário. O mesmo,

---

<sup>2</sup> Nem sempre, a troca na ordem substantivo/adjetivo é possível; há casos em que os falantes majoritariamente rejeitam uma estrutura com adjetivo antecedendo nome, como se vê em (i) abaixo:

- (i) a. Que crianças inteligentes!
- b. \*Que inteligentes crianças!

Essa questão também será investigada neste trabalho.



porém, não ocorre com o emprego do nome sozinho, como se pode perceber pela agramaticalidade de (7) a seguir:

(7) \*Carro!

Algo intrigante nesse caso é o fato de que o acréscimo de um morfema de grau aumentativo ao nome parece ser capaz de ativar a força exclamativa que não se vê em (7). Vejamos:

(8) Carrão!

Também é interessante notar que, por algum motivo, apenas o morfema de grau aumentativo parece ter a capacidade de ativar a força de exclamação na sentença; o acréscimo do morfema de diminutivo não parece afetar o nome da mesma forma<sup>3</sup>, como é possível ver em (9):

(9) \*Carrinho!

---

<sup>3</sup> Em sentenças como 'Mulherzinha!', o sentimento expressado parece ser desprezo e não surpresa.

Trata-se, portanto, de questões interessantes afetando as construções exclamativas-Wh não-sentenciais, que precisam ser analisadas para que se obtenha uma descrição apropriada dos fatos sintáticos (e também semânticos) observados empiricamente nos dados postos em análise até aqui.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Um trabalho que vise a analisar a estrutura da frase exclamativa se mostra essencial para a descrição do português brasileiro, principalmente se se considera o fato de que as exclamativas são um tipo frasal que não tem recebido a mesma atenção acadêmica que outras construções, como as interrogativas ou as relativas. A razão dessa menor atenção a esse tipo de sentença talvez se justifique por serem elas menos usuais, ou mesmo por envolverem além de questões sintáticas, questões semântico-pragmáticas, o que torna sua análise algo de elevada complexidade<sup>4</sup>.

Como procurei mostrar com a evidenciação inicial dos dados aqui, há questões intrigantes sobre as exclamativas no PB que tocam a sintaxe (as muitas possibilidades de estruturação de uma exclamativa-wh não-sentencial), a semântica (a interpretação de dadas construções com carga exclamativa) e, também, a morfologia de termos que constituem essas estruturas (como a questão envolvendo a morfologia de grau) no PB, que precisam ser avaliadas e detalhadas.

---

<sup>4</sup> Em Siemund (2015), encontra-se a revelação de que também em língua inglesa (e certamente em outras línguas) as exclamativas recebem tratamento menos frequente que outro tipo de construção relativa ao sistema CP como interrogativas e relativas.

Ademais, uma análise das exclamativas seria crucial para enriquecer e refinar a precisão dos estudos sobre o mapeamento das posições sintáticas disponíveis na sentença, o que, em último grau, significa um refinamento da compreensão de como funciona a linguagem humana na mente.

## **1.4 PERGUNTAS PARA PESQUISA**

Da discussão levantada acima, algumas questões emergem sobre as exclamativas-wh não-sentenciais do PB, e podem ser divididas, conforme mencionei anteriormente, em três blocos específicos: i) problemas com a estrutura sintática desse tipo de construção; ii) questões com a semântica dos adjetivos nas exclamativas; iii) questões sobre a morfologia de grau na estrutura de exclamativas,

### **1.4.1 SINTAXE**

Consideremos os seguintes dados:

- (10) a. Que linda casa! / Que casa linda!  
b. Que linda!  
c. Que casa!  
d. Linda casa!  
e. Linda!  
f. \*Casa!

É possível ver, nos dados, que a força ilocucionária de exclamação só pode ser ativada na presença do termo-Wh ‘Que’ ou do adjetivo<sup>5</sup>. É possível exclamar com ‘Que + adjetivo + substantivo, com ‘Que’ + adjetivo, com ‘Que’ + substantivo; é possível exclamar com adjetivo + substantivo, com adjetivo apenas, mas não com o substantivo somente. Em face disso, pergunta-se:

- O que há nas construções com adjetivo ou com ‘Que’, que viabiliza a interpretação exclamativa, a qual não é viável apenas com o emprego de um nome (10.f)?
- Além disso, tais estruturas, por conterem força ilocucionária exclamativa, precisam conter uma estrutura sentencial (CP), como o quer Sibaldo (2016), ou a força ilocucionária pode ser ativada por alguma projeção no DP/AP, se consideramos que tais construções não apresentam estrutura sentencial (CP)?

#### 1.4.2 SEMÂNTICA

Sejam os dados a seguir:

- (11) a. Que carro lindo!  
b. Lindo!

---

<sup>5</sup> A constituição da exclamação com base na presença do adjetivo já encontra explicação sintática em trabalhos como os de Zanutinni e Portner (2003), Castroviejo (2007) e Sieiro (2020), este último para o português; mas ainda resta entender o papel do elemento-Wh nessas construções.

- (12) a. Que carro potente!  
b. \*Potente!

O que se mostra nos dados acima é que há alguma propriedade no adjetivo “lindo” que o permite formar uma exclamativa sozinho, enquanto o adjetivo “potente” não possui tal propriedade. Diante disso, Questiona-se:

- Quais as propriedades semânticas necessárias para que um adjetivo possa exclamar sozinho em uma sentença e qual categoria de adjetivos é adequada para a formação de exclamativas de modo geral?

### 1.4.3 MORFOLOGIA DE GRAU

Abaixo estão os exemplos (7) e (8) repetidos por conveniência e o dado (15).

- (13) \*Carro!  
(14) Carrão!  
(15) \*Carrinho!

Conforme apresentei em 1.2, a morfologia de grau aumentativo parece licenciar a força exclamativa. Rett (2011) argumenta que as frases exclamativas são interpretadas com uma semântica de grau, o que poderia explicar a razão de um morfema que configura essa propriedade ter a capacidade de formar exclamativas. É, entretanto, estranho que o diminutivo, que também codifica grau, não possua a mesma propriedade. Tendo isso em vista, duas questões surgem:

- Qual é a razão de o morfema de grau aumentativo poder licenciar uma exclamativa e qual é a questão morfosintática por trás desse licenciamento?

- Por quais razões, semânticas e sintáticas, o diminutivo não tem a mesma propriedade de licenciar exclamativas como o aumentativo?

## **1.5 OBJETIVOS**

Este trabalho de pesquisa constitui, portanto, alguns objetivos iniciais:

1. Avaliar e descrever os mecanismos sintáticos e semânticos que estão por trás da construção de frases exclamativas não sentenciais do PB, analisando as projeções no DP responsáveis por ativar a força ilocucionária nessas construções sintáticas.
2. Ponderar sobre o tipo de adjetivo que licencia a construção de uma sentença exclamativa.
3. Avaliar a semântica dos adjetivos na constituição de exclamativas não-sentenciais em PB
4. Discutir o papel da morfologia de grau na ativação da força exclamativa em exclamativas curtas.

## **2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Nesta seção, avalio as teorias que sevem de pano de fundo para a análise que pretendo desenvolver, bem como alguns dos trabalhos teóricos sobre as frases exclamativas.

## **2.1 ARCABOUÇO TEÓRICO**

Nas seções a seguir, apresento alguns pressupostos da teoria sintática que emprego neste trabalho, bem como as bases do que se convencionou chamar sintaxe cartográfica.

### **2.1.1 PRINCÍPIOS E PARÂMETROS PARA A LINGUAGEM HUMANA E O PROGRAMA MINIMALISTA (CHOMSKY (1986, 1995)).**

A gramática gerativa estuda a linguagem humana sob uma perspectiva científica. A ideia central dessa linha de pesquisa é a proposta de que o ser humano possui uma estrutura biológica e cognitiva especificamente orientada para a linguagem, a qual não é encontrada em outros organismos. Os mecanismos mentais e neurológicos que tornam possível a criação da linguagem no homem é o que constitui o que se convencionou chamar a Faculdade da Linguagem. A corrente gerativista de investigação da linguagem tem por objetivo explicitar os princípios que caracterizam esse componente da mente.

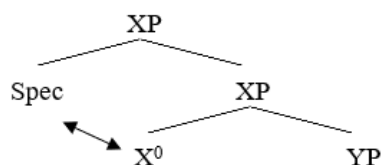
Nessa abordagem, a faculdade da linguagem tem como componente fundamental uma espécie de sistema de natureza computacional, que gera representações mentais adquiridas por meio da aplicação de um conjunto específico de princípios sobre o agrupamento de símbolos especificamente categorizados, que advêm de um léxico de formas elementares.

Esse sistema computacional no seu estado inicial é chamado de Gramática Universal (GU). Esta é um conjunto de propriedades inatas e invariantes na espécie humana. A GU se constitui em princípios restritos com várias opções de manifestação. Essas opções seriam os Parâmetros. No processo de aquisição da língua, os valores dos parâmetros são “ativados” com base no ambiente linguístico em que o indivíduo está inserido. Assim, passa-se a entender que a gramática de uma língua particular é determinada a partir de uma certa seleção feita entre as opções paramétricas disponíveis.

Em outras palavras, todas as línguas do mundo são regidas pelos mesmos princípios e suas peculiaridades se devem ao modo como essas propriedades universais se revelam.

As estruturas sintáticas, na perspectiva Minimalista (CHOMSKY, 1995), seriam derivadas por meio da seleção de itens lexicais que portam traços formais. Esses traços formais precisariam ser eliminados antes que a derivação atinja o ponto em que o material é enviado para as interfaces (fonológica e semântica). Para isso, postula-se uma configuração específica (configuração Spec-Head, ou Especificador-Núcleo), em que ocorre a checagem e eliminação desses traços formais. A configuração sintática apropriada seria a seguinte:

(16)



Por meio de operações aplicadas pelo sistema computacional, objetos sintáticos são recursivamente construídos, tomando por base os traços de elementos iniciais e outros objetos sintáticos já constituídos. Para efetivar esse processo, o sistema computacional se utiliza de operações como “selecionar”, “concatenar” e “mover”. Esses três recursos do sistema linguístico estão descritos abaixo.

1. A operação SELECIONAR forma grupos de itens lexicais para onde essas escolhas lexicais são trazidas com todos os traços dos quais dispõem (Formais, Semânticos e Fonológicos).

2. CONCATENAR ou *Merge* é uma operação essencialmente binária. Ela é responsável pela formação de pares de onde um dos constituintes se projeta e constitui-se no núcleo de um objeto sintático. Por exemplo, o *Merge* atua sobre x e y, formando o



objeto  $\{x,y\}$ , cujo o rótulo é  $x$ ; esse núcleo se projeta e constitui o sintagma de sua natureza  $x\{x,y\}$

3. A Operação **MOVER** ou *Move* copia um elemento  $Y$  de um objeto sintático  $Z$  e o conecta para um alvo  $K$ , com o qual passa a formar um novo objeto sintático por meio da operação *Merge*. Como esse recurso computacional requer essencialmente duas etapas (copiar um elemento e concatená-lo em outro ponto), entende-se que ele seja mais pesado para o sistema que a operação *Merge* (cf. Chomsky, 2000).

Essas questões teóricas são retomadas na proposta da sintaxe de critérios da cartografia sintática, tal como veremos a seguir.

## **2.1.2 A PROPOSTA CARTOGRÁFICA**

Em artigo de 1997, Rizzi propõe que o sistema CP (região que faz a interface sintaxe/discurso e que codifica informações sobre tipo sentencial e força ilocucionária) parece se apresentar mais rico (com mais posições sintáticas) do que simplesmente possuir uma posição de especificador para hospedar sintagmas-wh movidos em função da tipificação sentencial (CHENG, 1991). A ideia é que a periferia da sentença (sistema CP) contenha projeções para hospedar uma série de elementos, o que permite dar tratamento sintático a operações para as quais antes só havia uma análise de aporte discursivo, como a focalização de elementos ou a constituição de construções de tópico, por exemplo. Passemos a uma análise detida da proposta cartográfica de Rizzi (1997).

### **2.1.2.1 O SISTEMA FORCE-FIN**

Podemos pensar no CP como uma interface entre um conteúdo proposicional, expresso pelo IP, e uma estrutura superior, como outra oração, por exemplo. Pode-se dizer, então, (nas palavras de RIZZI, 1997) que há – nesses contextos – dois tipos de

informação disponíveis: uma que olha para cima e outra que olha para baixo (RIZZI, 1997, p. 283).

Rizzi vai chamar essa estrutura mais alta, que “olha para cima”, de Force. Nela, estariam codificados os tipos sentenciais, ou seja, a definição de uma frase como sendo uma exclamativa, uma interrogativa, uma relativa etc. Force seria expressa por uma morfologia codificada no seu núcleo ou por simplesmente providenciar uma estrutura para abrigar um operador de tipologia específica; algumas vezes, ambos os processos são observados, embora isso seja mais raro.

- (17) a. I think that you are wrong.  
b. I wonder if you know<sup>6,7</sup>.

Em (17.a), como o verbo *think* seleciona uma declarativa, a palavra *that* estaria localizada em ForceP, marcando a força da sentença. De forma análoga, em (17b), o verbo *wonder* seleciona uma interrogativa e a palavra *if* estaria localizada em Force, marcando a força interrogativa.

O outro tipo de informação que o CP codifica é, nas palavras de Rizzi, a “que olha para baixo” em direção ao IP. A visão tradicional da literatura já notava que a escolha de complement(iz)adores determinava a forma verbal da sentença.

---

<sup>6</sup> Selecionei esses enunciados como exemplos baseando-me na discussão de Rizzi e Bocci (2017) sobre a seleção sentencial dos verbos *wonder* e *think* (p.4), considerando que os autores não exemplificam sua discussão no texto original.

<sup>7</sup> Em tradução livre:

“Eu acho que você(s) est(ão) errado(s)”

“Eu me pergunto se você sabe”.

Vejamos os seguintes dados do português:

- A. A Ana pediu pra eu sair.
- B. A Ana pediu que eu saísse

A preposição “pra” (para) em português, introduz necessariamente uma oração com verbo não-finito, enquanto o conectivo “que” licencia encaixada com verbo flexionado<sup>8</sup>.

As línguas do mundo geralmente distinguem verbos finitos – que podem manifestar diferença de modo (indicativo, subjuntivo, imperativo, etc) e apresentar concordância com o sujeito – de verbos no infinitivo, que, em regra, não manifestam modo nem concordância com o sujeito. Conforme mencionei acima, a palavra *pra* está ligada à forma dos verbos no infinito e o complement(iz)ador *que* está ligado a verbos finitos. Rizzi assume, pois, que o sistema C expressa uma especificação de finitude e seleciona um IP com características compatíveis com essa especificação. Essas propriedades precisam ser, nesses termos, codificadas na região denominada FinP, que – segundo essa análise – faz interface com IP/TP.

A seguir, descrevo o que Rizzi (1997) chamou de sistema Topic-Focus.

---

<sup>8</sup> Se considerarmos outra língua, como a língua inglesa, por exemplo, veremos que – assim como em português – o complement(iz)ador *for* introduz sentenças com verbos no infinitivo e *that* acompanha sentenças encaixadas com verbos flexionados.

### 2.1.2.2 O SISTEMATOP-FOC

Além de Força e Finitude, o Sistema C pode codificar outras funções sintático-discursivas, como providenciar posições para Tópicos e/ou expressões focalizadas (Foco). Antes, essas operações eram explicadas apenas por meio de descrições pragmático-discursivas, centrando todo o debate na ênfase e/ou na intenção que o falante tem ao empregar um desses recursos. Dessa forma, Rizzi procura dar a esses fenômenos um tratamento eminentemente sintático partindo da evidência constatada empiricamente de que tais construções apresentam uma clara operação de movimento de constituintes sintáticos de uma posição para outra.

A topicalização é uma operação em que um elemento (tópico) é preposto para a esquerda da sentença e faz referência a informações antigas. Esse elemento é seguido de um comentário, um tipo de predicado que introduz uma informação nova (RIZZI, 1997, p.285). No exemplo abaixo, o Termo deslocado (“o seu carro”) – complemento do verbo emprestar – é o tópico, e o restante da sentença é o comentário.

(18) [O seu carro]<sub>t</sub>, você deveria emprestar *t* para o João (e não para o Pedro)

O Foco envolve uma operação similar, mas com uma interpretação bem distinta do Tópico. A focalização também faz com que um elemento sintático seja preposto à esquerda da sentença. Esse elemento, que é pronunciado com o acento de foco (ou seja, com uma entonação mais forte, que contém proeminência prosódica), introduz uma informação nova, e o restante da sentença expressa informações que o falante pressupõe que o seu interlocutor compartilhe (RIZZI, 1997, p.285). Abaixo, em (19), pode-se ver a estrutura de foco, o termo em caixa alta representa o *stress* focal.

(19) [O SEU CARRO]<sub>t</sub>, você deveria emprestar *t* para o João (e não o meu).

Rizzi assume que o sistema Force-Fin é uma parte essencial do CP, que estaria presente em toda e qualquer oração constituída em uma língua. Já o sistema Top-Foc seria opcional e estaria presente na sentença apenas se necessário (seria ativado somente se algum item lexical entrasse na derivação portando um traço desse tipo). Se Top-Foc estiver ativado, ele necessariamente se encontrará entre Force e Fin, já que estas duas projeções (Força e Finitude) demarcam os limites do CP. Assim sendo, Rizzi (1997) propõe o mapeamento inicial do sistema CP como sendo o que se vê em (20).

(20) Force...(Topic)....Focus... (Topic) Fin.

Em análise dos dados do Italiano, Rizzi ainda mostra em seu trabalho que há a possibilidade de ocorrências diversas (em posições distintas) de tópicos e o foco em uma sentença; vejamos:

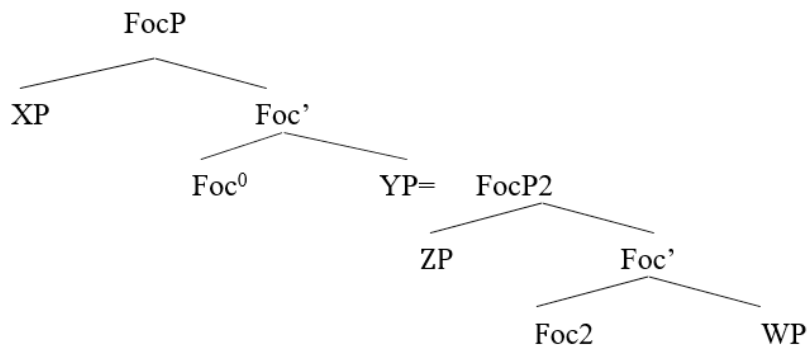
- (21) a. Credo che a Gianne, QUESTO, domani, gli dovremmo dire  
           C    Top    Foc    Top    IP
- b. Credo che domani, QUESTO, a Gianni gli dovremmo dire  
           C    Top    Foc    Top    IP
- c. Credo che domani, a Gianni, QUESTO gli dovremmo dire  
           C    Top    Top    Foc    IP
- d. Credo Che a Gianni, domani, QUESTO gli dovremmo dire  
           C    Top    Top    Foc    IP
- e. Credo che QUESTO, a Gianne, Domani, gli dovremmo dire  
           C    Foc    Top    Top    IP
- f Credo Che QUESTO, a domani, a Gianni, gli dovremmo dire  
           C    Foc    Top    Top    IP

(RIZZI, 1997, p.295-296)

O que o autor vai concluir com base na análise desses dados é que é possível ter mais de um Tópico na sentença, mas vai haver apenas um Foco por frase. Isso ocorre porque a existência de mais de um Foco seria inconsistente com a interpretação semântica do foco (e, portanto, da sentença como um todo), ou seja, a constituição de uma informação nova. Em outras palavras, uma frase só pode conter uma informação nova (um foco), mas pode conter mais de uma informação velha (mais de um tópico, portanto). Vejamos essa questão na prática.

Seja diagrama abaixo extraído de Rizzi (1997):

(22)



(RIZZI, 1997, p. 297)

Nesta estrutura, o ZP seria o especificador do segundo núcleo Foc, e isso constituiria, segundo essa proposta, algo inconsistente, pois YP precisa ser a pressuposição que complementa o primeiro núcleo Foc<sup>0</sup>. Isso impossibilitaria a interpretação do composto, uma vez que, onde se espera a pressuposição, ocorre um novo foco, ou uma nova “informação nova”. Assim sendo, a recursividade de FocP é banida em função desse *clash* interpretativo.

Com base nesses dados, Rizzi (1997) propõe o seguinte mapeamento do CP:

(23) [ForceP [TopP\* [FocP [TopP\* [FinP]]]]]]

Em artigo de 2017 intitulado *The Left Periphery of the Clause*, Rizzi e Bocci detalham e ampliam o programa da cartografia das estruturas sintáticas. Os autores propõem, com base em Rizzi (1997) (e trabalhos correlatos), um aprofundamento dos mapas de estruturas sintáticas hierarquicamente organizadas.

O programa postula que a periferia esquerda da sentença é composta por uma sequência ainda maior de núcleos funcionais que atraem sintagmas com traços compatíveis (em compatibilidade com a ideia de que a estrutura se organiza por meio da checagem de traços formais que os itens lexicais portam originalmente). Esses núcleos estariam, assim, relacionados a uma série de questões que têm relação com a interpretação da sentença.

As projeções sintáticas relevantes em CP seriam ativadas pela presença de sintagmas com determinados traços na derivação e esses sintagmas, por meio de um sistema (ou de uma sintaxe) de critérios, seriam atraídos para a configuração desejada (Spec-Head) a fim de que os traços (de foco (Foc), tópico (Top) ou um traço relativo (Rel) ou exclamativo (Excl), ou ainda um traço interrogativo<sup>9</sup>) pudessem ser verificados.

---

<sup>9</sup> O traço interrogativo, nessa proposta seria verificado por projeções distintas na matriz e na encaixada. Na matriz, um traço +wh seria verificado contra um núcleo Int, enquanto na encaixada, o sintagma +Wh teria seu traço verificado na projeção Qemb (question embeded – pergunta encaixada em inglês). Em Rizzi 1997, esse traço na matriz seria verificado em Foco, não havendo à época proposta para a verificação do traço +Wh na subordinada.

Abaixo, está o mapa enriquecido de Rizzi e Bocci (2017):

(24) Force [Top\* [Int [Top\* [Foc [Top\* [Mod [Top\* [Qemb [Fin [IP ...]]]]]]]]]]]]]

Toda a questão da riqueza de núcleos funcionais na periferia esquerda da sentença é constituída com base no que Rizzi vai chamar de sintaxe de critérios. As estruturas sintáticas seriam constituídas (e elementos sintáticos deslocados de sua posição de base) em função da satisfação de critérios, cada núcleo funcional sendo ativado para a satisfação de um critério específico. A operação de checagem envolvendo o núcleo funcional relevante e um constituinte contendo um traço compatível precisaria se dar em uma configuração específica (Spec-head), o que seria responsável pelo deslocamento sintático. Uma palavra-Wh interrogativa, por exemplo, seria deslocada para a periferia esquerda da sentença, para satisfazer a um critério-Wh; ao mesmo tempo, uma expressão contendo um traço de Foco seria deslocada para o especificador da projeção FocP para a satisfação de um critério Foc, e assim por diante.

No presente trabalho, considerando seu escopo (as exclamativas), estará no foco das discussões o critério ForceP, que pode ser expresso nos seguintes termos:

Critério ForceP:

- Um núcleo Force atrai para a posição de especificador um sintagma com traços sintáticos compatíveis [+Force] para satisfazer o critério ForceP;
- Um sintagma contendo um traço [+Force] precisa estar em uma configuração spec-head com um núcleo compatível em termos de traços.

A seguir, passo a analisar os estudos que tratam especificamente das exclamativas.



## 2.2 SINTAXE E SEMÂNTICA DAS EXCLAMATIVAS.

### 2.2.1 A PROPOSTA DE ZANUTTINI E PORTNER (2003): FACTIVIDADE E WIDENING

A análise de construções exclamativas não é presente de forma tão intensa na literatura quanto a análise dedicada a outros tipos de sentença, mas, ainda assim, há trabalhos relevantes que procuram descrever o seu funcionamento sintático e semântico.

O primeiro que pretendo avaliar é o de Zanuttini e Portner (2003). Nele, os autores defendem que, do ponto de vista sintático, existem duas propriedades que caracterizam uma exclamativa, a saber:

- i) Apresentam o que chamam de estrutura operador variável *wh* (*Wh operator variable structure*),
- ii) Contêm um morfema abstrato FACT que se encontra no domínio do CP.

Essas duas propriedades caracterizariam as exclamativas, na opinião dos autores, pois contribuem com dois componentes essenciais do significado desse tipo de sentença:

- i) Exclamativas denotam um *set* de proposições alternativas, resultado da estrutura variável do operador *Wh*;
- ii) Exclamativas são factivas, ou seja, o seu conteúdo proposicional é pressuposto, resultado da presença do morfema FACT em CP.

Para entender a essencialidade da factividade para a interpretação exclamativa, os autores avaliam dados como os que aparecem abaixo:

- (25) a. How very tall Tony is!  
b. I know how very tall he is.  
c. \*I don't know how very tall he is!

(ZANUTTINI E PORTNER, 2003, p.47)

A exclamativa em (25) apenas pode ser encaixada em predicados factivos, como é o caso de (27.b). Já a sentença em (25.c) não é possível de ser produzida, pois a pressuposição de factividade da frase não é compatível com a falta de conhecimento do falante expressa pela sentença, levando em conta que a frase está na primeira pessoa.

Os autores defendem também a existência de outra propriedade da exclamativa que, diferentemente do operador Wh e do morfema abstrato FACT, não está codificada na sintaxe, embora seja derivada de componentes sintáticos; trata-se de uma operação semântica que eles denominam *widening*. O *widening* seria derivado de uma denotação de base de raciocínio pragmático (ZANUTTINI e PORTNER (2003), p. 40) algo ligado à semântica das exclamativas, que seria a noção de 'surpresa', admiração' ou a noção de 'alto grau' ou 'grau máximo'. Os autores argumentam incisivamente que, dada a variedade de estruturas que frases exclamativas podem tomar, procurar elementos sintáticos que expliquem exaustivamente o processamento dessas construções não é a melhor maneira de "atacar" o problema; por isso, eles propõem o *widening*.

- i) Exclamativas expandiriam (*widen*) o domínio de quantificação do operador Wh, fato que daria origem ao *set* de proposições que a sentença possa denotar.

Para explicar essa noção, os autores buscam associar exclamativas e interrogativas, propondo que o componente proposicional de ambas as sentenças é idêntico, embora a força ilocucionária seja diferente (p. 52). Em particular, eles utilizam a noção de PROPOSITION-SET, a qual determina que perguntas denotam um set de proposições. Então, uma pergunta como *what does he eat?* pode denotar um *set* como {*he eats poblanos*, *he eats serranos*, *he eats jalapeños*} (p. 52). Em uma exclamativa, o *widening* denotaria a expansão do *set* de proposição de um domínio D1 para um domínio D2. Considere o exemplo a seguir:

- (26) Che roba che il magna!  
what stuff that he eats  
'The things he eats!'

(ZANUTTINI E PORTNER, 2003, p.49)

Para entendermos o dado acima, imaginemos um contexto em que um grupo de amigos que come comidas picantes está discutindo quais pimentas alguns deles gostam de comer, e as pimentas que eles comem são poblano, serrano, jalapenho. Ao enunciar (26), está implícito que o indivíduo em questão come não apenas essas pimentas, mas também outras, como habanero, por exemplo. Então, há um set de proposições D1 {*he eats poblanos*, *he eats serranos*, *he eats jalapeños*'<sup>10</sup>} e o fato de se pronunciar (26) causa a expansão de D1 para D2, para incluir a proposição {*he eats habanero*'<sup>11</sup>}

---

<sup>10</sup> Em tradução livre: “Ele come poblano, Ele come serrano, Ele come jalapeño”

<sup>11</sup> “Ele come habanero”.

Outro tipo de exclamativas são as do tipo sim/não. Os autores exemplificam esse caso com o seguinte dado:

- (27) No ga-lo magna` tuto! (Paduan)  
NEG has-S.CL eaten everything  
'He ate everything!'

(ZANUTTINI E PORTNER, 2003, p.49)

Nessa situação, os autores também avaliam a contraparte interrogativa da sentença, que seria *did he eat everything*<sup>12</sup>? O conteúdo proposicional dessa sentença seria necessariamente *{He ate everything*<sup>13</sup> ou *{He didn't ate everything*<sup>14</sup>. Os autores avaliam o contexto de uma criança que geralmente não come toda a sua comida, mas, no momento em que a sentença (27) foi proferida, excepcionalmente, ela comeu tudo. Nesse caso, os autores argumentam que esse tipo de exclamativa expande o *set* de proposições verdadeiras de D1 para D2. Em D1, não haveria a proposição *{He ate everything}*, mas em D2 ela existe.

Essas questões serão retomadas e debatidas neste trabalho mais adiante. A seguir, passo a analisar a proposta de Gutiérrez-Rexach (2008).

---

<sup>12</sup> “Ele comeu tudo?”

<sup>13</sup> “Ele comeu tudo”.

<sup>14</sup> “Ele não comeu tudo”.

## 2.2.2 AVALIANDO GUTIÉRREZ-REXACH (2008)

Gutiérrez-Rexach (2008), em avaliação de exclamativas, argumenta existir uma gama de propriedades semânticas responsáveis por identificar uma sentença como uma exclamativa. Tal fato tem, para o autor, importantes consequências sintáticas. Ao associar, como faz o autor, a interpretação exclamativa de uma frase a um operador exclamativo, é necessário assumir que exista uma projeção sintática que abriga esse constituinte. Portanto, o traço sintático exclamativo está associado a um operador exclamativo, que se pode assumir estar concatenado no Spec de ForceP.

Assumindo o modelo de Rizzi (1997), que propõe que o CP possui uma rica variedade de posições sintáticas, o autor sugere que a interpretação de alto grau de uma sentença exclamativa e o foco sentencial são semanticamente relacionados; a interpretação exclamativa estaria associada à força exclamativa.

Para justificar o fato de que o foco sentencial e a interpretação de grau em exclamativas estão relacionados, o autor argumenta que, em frases nas quais não há a subida de um elemento X para a esquerda da sentença, não há uma interpretação de grau extremo. Isso o leva a propor que esse elemento X, geralmente um adjetivo, possui um traço [+degree] que deve ser checado em FocP. Em frases como ¡Vaya que María es alta! (que teria como tradução aproximada: “Maria não é nem um pouco alta”), em que o adjetivo não sobe para a esquerda, não há uma interpretação pelo falante de que o grau no qual a Maria é alta seja digno de nota ou denote algo surpreendente (o que, nesses contextos, não denota conteúdo exclamativo). Apenas quando o adjetivo vai para a posição de Especificador do FocP, checando o traço [+degree], existe uma interpretação do tipo “há um grau de altura tal que Maria excedeu”. O autor ilustra a derivação sintática da maneira como segue:

(28) [Topic que es María alta[+deg]] → [Focus alta [Topic que es María altacopy]]

(GUTIÉRREZ-REXACH, 2008, p.125)

A última parte da derivação dessa exclamativa pressupõe a inserção um elemento mínimo, que é concatenado com o núcleo de Force. Tal elemento pode ser da categoria D ou V. O processo em (28) pode, pois, terminar a derivação desses dois modos, como pode-se ver a seguir:

(29) [Focus *alta* [Topic *que es María alta<sub>copy</sub>*]] → [Force *lo* [Focus *alta* [Topic *que es María alta<sub>copy</sub>*]]]

(30) [Focus *alta* [Topic *que es María alta<sub>copy</sub>*]] → [Force *Vaya* [Focus *alta* [Topic *que es María alta<sub>copy</sub>*]]]

(GUTIÉRREZ-REXACH, 2008, p.126)

Essa explicação, porém, não é capaz de explicar a derivação de uma exclamativa *wh* (ou do tipo Adv ou P). Para explicar o fenómeno, o autor propõe que exclamativas *wh* passam por sucessivos movimentos sintáticos. Consideremos o exemplo em (31).

(31) ¡Qué libros que has leído!  
 What books that have-you read  
 ‘The books that you have read!’

(GUTIÉRREZ-REXACH, 2008, p.128)

Nesse caso, a palavra *qué* codifica tanto o traço [+deg] quanto o traço [+excl]. Então, o sintagma *qué libros* vai subir para posição de foco, a fim de checar o primeiro traço e vai terminar a derivação ao subir até a projeção Force, para checar o segundo traço. Podemos ver o processo em (32) e (33).

- (32) [Topic que has leído qué libros] →  
 [Focus/Deg qué libros [Topic que has leído [~~qué libros~~]<sub>copy</sub>]]
- (33) [ Focus qué libros [Topic que has leído [~~qué libros~~]<sub>copy</sub>]] →  
 [Force/Excl qué [Focus/Deg [qué]<sub>copy</sub> libros] [Topic que has leído [qué libros]<sub>copy</sub>]]
- (GUTIÉRREZ-REXACH, 2008, p.129)

Pretendo retomar a argumentação do autor neste trabalho. Em especial, darei atenção mais intensa à discussão da existência de dois traços sintáticos para a formação de uma exclamativa. A seguir, avalio o trabalho de Rett (2011).

### 2.2.3 A SEMÂNTICA DE GRAU: A PROPOSTA DE RETT (2011)

Rett (2011) discorda de Zanuttini e Portner em sua análise de exclamativas. Em primeiro lugar, Rett se opõe à análise desses autores quanto ao pressuposto de que o conteúdo de uma exclamativa não é novo nem para o falante nem para o interlocutor, pois, de outra maneira, tal conteúdo não estaria no *common ground*.<sup>15</sup> Dizendo de outra maneira, Rett se opõe ao fato de Zanuttini e Portner assumirem que o conteúdo de uma exclamativa deve necessariamente ser pressuposto pelos interlocutores.

A autora argumenta que essas proposições estão equivocadas, e podem facilmente ser falseadas com base em contextos determinados. Para evidenciar isso, Rett utiliza

---

<sup>15</sup> O *common ground* é um termo usado na semântica e pragmática para designar o set de proposições que os interlocutores concordaram serem verdadeiros. Em outras palavras, é o conhecimento comum no contexto conversacional.

dois exemplos que, segundo seus argumentos, enfraquecem ou limitam a proposta de *widening*.

Primeiro, Rett avalia o contexto em que há duas pessoas conversando, Mary e Sue, sobre John. A única coisa que Sue sabe sobre John é que ele é um arquiteto; é adequado nesse contexto que Mary diga “*What a great guy John is!*<sup>16</sup>”. Mesmo que Sue não saiba que John é uma ótima pessoa (*Great Guy*), a frase ainda é boa; a exclamação é – portanto – feliz.

Rett argumenta ainda que não é necessário que o conteúdo de uma exclamativa seja pressuposto como verdadeiro pelos falantes, pois é possível negar uma exclamativa; é o que vemos em (34) a seguir

- (34) Mary: What a great guy John is!  
Sue: Not really! He swindle me!

(RETT ,2011, p.22)

Nesses termos, Rett (2011) defende o seguinte ponto de vista: exclamativas que não sejam formadas a partir de uma frase declarativa (como é o caso de (1)) devem receber um tipo particular de interpretação de grau. A autora faz a distinção entre *sentence exclamations*, que são exclamativas com a forma de uma declarativa (cuja diferença básica se centra na entonação), e *exclamatives*, que são outras exclamativas, contendo uma sintaxe específica, (como as sentenças que aparecem em (4) e (5)).

Diferentemente da proposta de Zanuttini e Portner, a qual prevê que exclamativas denotam um *set* de proposições, Rett defende que esse tipo de frase denota, na verdade,

---

<sup>16</sup> “Que cara legal o John é!”



um *set* de graus. Não é sobre qualquer tipo de grau que uma exclamativa pode exclamar, segundo a autora. É necessário que o grau do conteúdo das exclamativas exceda um *standard* (ou padrão) contextual. Rett chama essa propriedade de *Evaluativity* (em tradução livre, **avaliatividade**).

Para ilustrar tal propriedade, a autora propõe a análise do contexto de uma mulher, Mary, que acredita que Bill possui apenas 3 camisas, em uma cultura em que as pessoas têm em média 20 camisas. Mesmo que Mary descubra que Bill tem 10 camisas ao invés de 3, exclamar com uma frase do tipo *How many shirts you own!* (quantas camisas você tem! – em tradução livre) parece inadequado, pois ela não satisfaz o critério de *avaliatividade*, já que – nesse contexto – para que esse critério fosse atingido, ele precisaria ter mais de vinte camisas.

Rett conclui seu raciocínio propondo que uma exclamação deve denotar uma proposição que o falante julgue digna de nota ou uma função de uma proposição que o falante ache digna de nota, que ultrapasse um valor contextual.

A análise da autora vai ter um papel fundamental no trabalho que desenvolvo nesta dissertação, principalmente no que diz respeito à questão da avaliatividade. Pretendo analisar se tal propriedade é de fato essencial para a interpretação exclamativa e, se for, determinar qual o papel de tal propriedade nos dados que ponho em análise aqui.

#### **2.2.4 A EXCLAMATIVA DE CONSTRUÇÃO DE GRAU EM CASTROVIEJO (2007)**

Castroviejo (2007), em análise das exclamativas-Wh, constrói argumentação que também se opõe à visão de Zanuttini e Portner. A autora acredita que derivar a semântica de exclamativas-*wh* da semântica de interrogativas-Wh não é o melhor modo de entender o objeto de estudo. Debruçando-se sobre os dados do catalão, a autora propõe que uma

abordagem melhor seria analisar as exclamativas-Wh como um tipo de construção de grau.

A autora exemplifica essa análise com os seguintes dados:

- (35) a. Quina pel·l'ícula tan entretinguda que vam veure a l'avió  
'what a entertaining movie we saw on the plane'<sup>17</sup>,
- b. Que entreguda que va ser la pel·l'ícula!  
'How entertaining the movie was!'<sup>18</sup>,
- c. Quina pel·l'ícula més/tan entretinguda que vam Veure  
'What an entertaining movie we saw!'<sup>19</sup>,
- d. Aquesta historia és més vella que l'anar a peu  
'this story is very old!'<sup>20</sup>,
- e. En Pau és tan alt com em Kareem  
'Pau is as tall as Kareem'<sup>21</sup>,
- f. En Pau és tan alt que arriba al sostre!  
'Pau is so tall that he reaches the ceiling'<sup>22</sup>,

(CASTROVIEJO, 2007, p.138)

---

<sup>17</sup> “Que filme interessante nós vimos no avião!”

<sup>18</sup> “Como foi interessante o filme!”

<sup>19</sup> “Que filme interessante nós assistimos!”

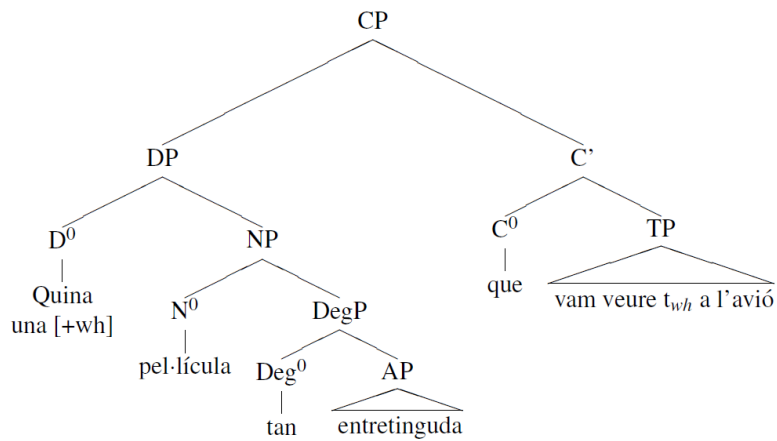
<sup>20</sup> “Essa história é muito velha!”

<sup>21</sup> “Pau é tão alto quanto Kareem”

<sup>22</sup> “Pau é tão alto que toca no teto!”

Em (35a), o sintagma-Wh é um DP cujo núcleo é o quantificador-Wh *quina*. A autora o interpreta como um quantificador indefinido com um traço [+wh]. Tal traço força o movimento para CP, como se pode ver no diagrama a seguir.

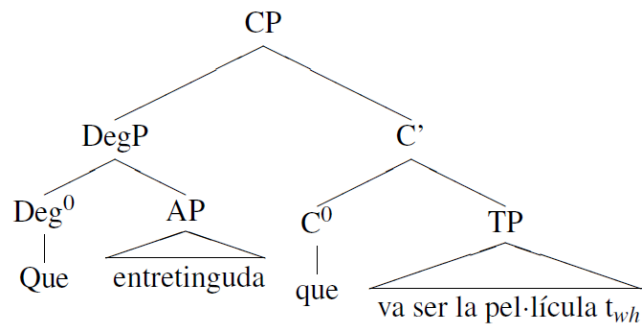
(36)



(CASTROVIEJO, 2007, p.135)

Já em (35b), há o movimento de um DegP com núcleo *que*.

(37)



(CASTROVIEJO, 2007, p.135)

Com esses dados, Castroviejo argumenta que há, nas exclamativas do catalão, um operador de grau *tan* e *més*, que aparece também em frases comparativas e *result clauses* (35-f). Consequentemente, é necessário que haja na sentença um predicado graduável que se ligue a esses operadores (CASTROVIEJO, 2007, p. 138), o que explica a agramaticalidade de frases como (38) a seguir:

- (38) \*Quin triangle tan equiàter!  
‘What an equilateral triangle!’<sup>23</sup>

(CASTROVIEJO, 2007, p.138)

A possível gramaticalidade da tradução em inglês é explicada pela autora como resultando de uma construção com um adjetivo graduável elidido que estaria saliente no contexto de enunciação. Assim, o ‘equilateral triangle’ seria ADJ em alto grau (p.139). Essa possibilidade, porém, não está disponível em catalão.

A autora conclui, portanto, afirmando que analisar as exclamativas como construções de grau, em vez de ter sua semântica derivada de perguntas, é a abordagem mais adequada, pois, desse modo, é possível dar uma explicação menos truncada e mais simples para o fenômeno; ao mesmo tempo, tal abordagem consegue explicar as construções em catalão que contêm o operador *tan*.

Também pretendo retomar a discussão de Castroviejo mais à frente nesta dissertação.

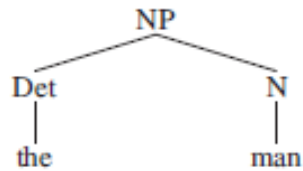
---

<sup>23</sup> “Que triângulo equilátero!”

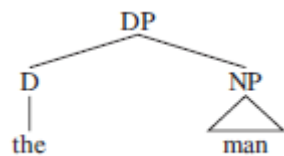
### 2.2.5 O DegP

Originalmente, determinantes eram analisados como sendo especificadores de um nome (39.a), assim como elementos de grau se supunha estarem em Spec, AP (Bowers 1975; Jackendoff 1977). Porém, desde o trabalho de Abney (1987), essas duas categorias lexicais passaram a ser analisadas como tendo projeção própria, sendo que o DP domina o NP e o DegP domina o AP. Vejamos:

(39) a.

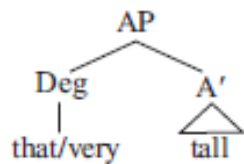


b.

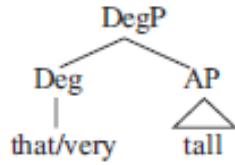


(LARSON, 2014, p. 430)

(40) a.



b.

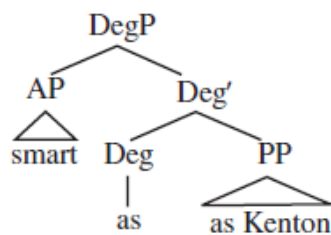


(LARSON, 2014, p. 469)

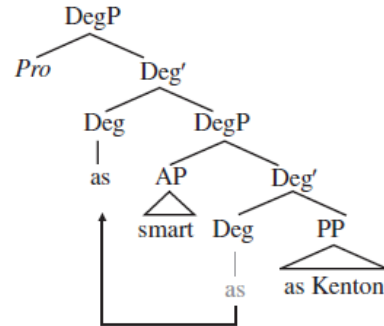
Essa ideia é importante para a argumentação que vou construir ao longo desta dissertação, principalmente no que tange o DegP/AP. Assumo então que as análises mais adequadas são a de (39.b) para o DP/NP e a de (40.b) para o DegP/AP.

Larson (2014) demonstra como seria a sintaxe do DegP em comparativas e equativas. Primeiro, o Deg se combinaria com o complemento comparativo/ equativo, depois se combina com o AP, que funcionaria como restrição, e, por fim, combina-se com o sujeito do tipo semântico de um DP, que constituiria o escopo. Os dois primeiros argumentos atuariam uma projeção mínima de DegP, que não conteria uma posição para o sujeito (41.a). Essa situação faz que se projete um DegP “concha” para acomodar o sujeito, que é analisado como um elemento nulo (*Pro*). Deg então sobe para posição vazia do Deg “concha”, gerando, desse modo, a ordem correta dos elementos (41.b) (LARSON, 2014, p. 470). Vejamos:

(41) a.

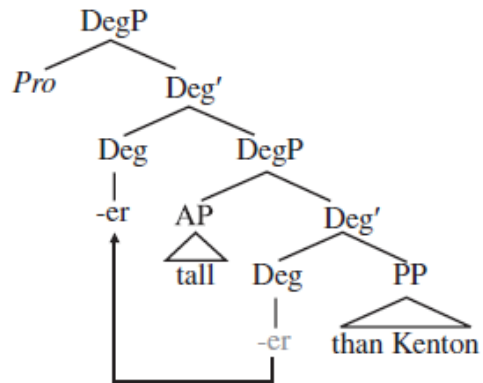


b.

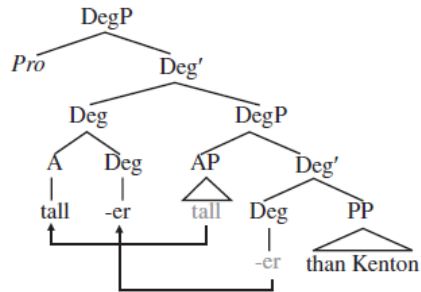


Em comparativas, a análise é a mesma com o passo extra de o AP subir para Deg para se amalgamar ao morfema “solto” *-er*. Vejamos:

(42) a.



b.



Vou assumir, como Larson assume em (42), que a morfologia de grau constitui um processo morfossintático, entendendo que sua associação a uma base se constitui em um processo flexional. Nesse sentido, não é o caso que palavras, adjetivos ou substantivos, já entrem na derivação portando morfemas de grau. Tal morfema seria gerado em Deg “desgarrado”, fazendo com que o adjetivo suba para se amalgamar ao núcleo de Deg. Nesta dissertação vamos tratar esse processo como a resposta a um filtro o Stray affix filter, Lasnik (1995).

## 2.2.6 EXCLAMATIVAS COMO SMALL CLAUSES LIVRES EM SIBALDO (2016): AVALIANDO DADOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Sibaldo (2016) se debruça sobre os seguintes dados:

- (43) a. Muito linda essa bolsa!  
b. Uma droga aquela aula!
- (44) a. Que linda essa bolsa!  
b. Que droga aquela aula!

(SIBALDO, 2016, p.114)



Ele chamará esse tipo de dado de Small Clauses Livres (SCL), que seriam estruturas caracterizadas pela justaposição de um predicado e um sujeito sem verbo ou morfologia de tempo. Ele chamará de “que-*Small Clause* Livres” (que-SCL) as frases em (44), que se distinguem das SCL, construções em (43), apenas quanto ao primeiro elemento da sentença: as primeiras teriam um intensificador ou um artigo indefinido como primeiro elemento, e as outras teriam a partícula ‘que’.

O autor nota a necessidade de o predicado da sentença ser composto por adjetivos ou por sintagmas nominais que avaliem o sujeito. Ele também aponta que a partícula “que” parece avaliar de alguma forma o sintagma nominal.

Sibaldo (2016) faz a mesma observação de Castroviejo (2007) e Rett (2011) ao mostrar que os adjetivos que licenciam a interpretação exclamativa devem ser necessariamente graduáveis. A partir disso, e como os DPs que formam as *Small Clauses* Livres derivam adjetivos de grau (um luxo > muito luxuoso), o autor assume que o predicado de uma (que)- *Small Clause* Livre deve necessariamente ser um DegP. Ele ressalta, porém, que é a avaliatividade que é essencial nessa construção.

Quanto à questão de as *small clauses* possuírem *status* sentencial ou nominal, o autor opta pela primeira opção. Para justificar essa análise, Sibaldo compara as SC com construções com inversão de Sintagma Determinante, que tem características de um nominal, e, como tal, podem ser clivadas, ao contrário das SCL’s e as que-SCL’s vejamos:

- (45) Foi [o idiota do marinheiro] que o Pedro viu.
- (46) \*Foi que bonita roupa que eu achei,
- (47) \*Foi [que /uma merda aquele filme] que eu considere!

(SIBALDO, 2016, p.123)

Segundo o autor, esse comportamento nos dados sugere que as *que-small clauses* não têm natureza nominal, mas, sim, sentencial.

Outro teste que o autor explora é o da distribuição de advérbios de VP, aqueles que se assume estarem em uma posição de adjunção ao VP, ou seja, abaixo do TP (p.123).  
Vejam os:

- (48) a. Sempre bonita a sua roupa!
- b. Sempre muito chata essa aula!
- (49) a. \*Bonita sempre a sua roupa!
- b. \*Muito chata sempre essa aula!

(SIBALDO, 2016, p.123)

O contraste de gramaticalidade entre (48) e (49) sugere que o predicado das SCL's não foi movido para uma posição mais alta, uma vez que a estrutura em que o advérbio se encontra entre o predicado e o sujeito acaba não sendo gramatical. Esse resultado é diferente nas Que-SCL.

Vejam os dados em (50) e (51) a seguir:

- (50) a. \*Sempre que bonita a sua roupa!
- b. \*Sempre que chata essa aula!
- (51) a. \* Que bonita sempre a sua roupa!
- b. \* Que chata sempre essa aula!

(SIBALDO, 2016, p.123)

As frases em (50) parecem sugerir que o predicado não está abaixo da SC e (51) parece sugerir que o sujeito também não está abaixo da SC. Dessa forma, nota-se (segundo o autor) que nas SCLs tanto o sujeito quanto o predicado parecem estar na SC. Nas Que-SCLs tanto o sujeito quanto o predicado estão acima da SC .

O autor se apoia no trabalho de Cardinaletti & Guasti (1995), que sugere que a adição de advérbios de tempo só é possível quando há uma projeção TP na frase. Sibaldo (2016), então, usa essa análise para desenvolver um teste que consiste em ver se é possível que advérbios de tempo apareçam em (que)-SCL:

- (52) a. Bonita a sua roupa ontem!  
b. Que lindo o dia hoje!

(SIBALDO, 2016, p.125)

Assim, para o autor, os dados acima corroboram a ideia de que as SCL e as Que-SCL têm uma projeção funcional TP em sua estrutura, diferentemente da SC comuns.

Por meio desses testes, o autor propõe que *as Small Clauses Livres* são um TP e as *Que-small clauses* livres são um CP. Minha análise vai na contramão dessas conclusões.

Em seções posteriores vou propor que há razões para crer que Sibaldo não está no caminho certo para a análise de exclamativas curtas, pois vou defender a ideia de que essas construções não apresentam natureza sentencial. Defenderei a ideia de que as

exclamativas curtas do tipo das que avalio aqui têm a estrutura de umAP que é dominado por um DegP<sup>24</sup>.

### **2.2.7 A SINTAXE DE EXCLAMATIVAS-WH NÃO-SENTENCIAIS DO PB: AVALIANDO LEOPOLDINO 2018, 2019.**

Já aponte, em seções prévias a esta, que o PB apresenta uma boa variedade de exclamativas, incluindo aquelas que entendo não terem natureza sentencial, as que chamo aqui exclamativas curtas ou exclamativas-wh não sentenciais. Vejamos: em uma situação em que o João mostre ao seu amigo Pedro um carro novo que ele (João) acaba de comprar, Pedro poderia enunciar qualquer uma das exclamativas curtas a seguir:

- (53)
- a. Que lindo carro! Que carro lindo!
  - b. Que lindo!
  - c. Que carro!
  - d. Lindo!

Pedro, entretanto, jamais poderia enunciar (54) abaixo em uma ilocução exclamativa:

---

<sup>24</sup> O leitor mais atencioso pode simplesmente questionar: mas os dados de Sibaldo são ligeiramente diferentes dos que o autor desta dissertação analisa; a crítica, portanto, não se aplica. De fato, os dados são um pouco diferentes, os testes propostos por Sibaldo para determinar a existência de estrutura sentencial para as suas exclamativas curtas parecem não corresponder à totalidade dos dados, assim, decidi manter aqui a crítica pelo bem da argumentação que pretendo desenvolver.

(54) \*Carro!

O que se vê é que, de alguma forma, a exclamação pressupõe a existência de avaliatividade, traço que se vê claramente ativo na presença de um adjetivo. Parece claro que o adjetivo seja o núcleo da exclamação, já que carrega claramente o traço de avaliatividade, que acaba sendo responsável pela ativação da força ilocucionária exclamativa; isso fica evidente em (53.d), em que a exclamação surge pelo mero e simples emprego do adjetivo.

Leopoldino (2018) avalia que esse traço [+avaliativo] seja inerente ao AP; o adjetivo seria o elemento que naturalmente conteria esse traço.

O autor vai propor ainda, em seu texto, que o morfema “que” nessas construções parece de alguma forma compartilhar esse traço [+avaliativo] com o adjetivo, de modo que, mesmo na ausência do adjetivo, garante-se a construção da exclamação quando o “que” está presente, como em (53.c).

Em outras palavras: o traço [+avaliativo] é crucial para a ativação da força ilocucionária exclamativa nessas sentenças. Se é verdade que o adjetivo contenha esse traço e que o morfema “que” de algum modo compartilhe no AP esse traço com o adjetivo, a previsão é que seja necessária a existência de um desses dois elementos para que a força ilocucionária exclamativa seja ativada; se não há pelo menos um deles, a exclamação não acontece.

Essa previsão parece ser confirmada pela agramaticalidade de (54). Ali, apenas o nome, sem a projeção do AP, não é capaz de exclamar.

Entretanto, é necessário explicar dados como (55) a seguir, que parecem pôr uma certa restrição a essa hipótese.

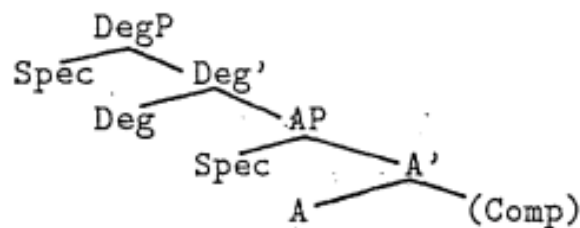
Pensemos que na mesma ocasião em que João mostra seu carro novo a Pedro, Pedro enuncie:

(55) Carrão!

Buscando descrever essa questão, Leopoldino (2019) começa a esboçar uma explicação para o fato de a morfologia de grau, tal qual se vê em dados como (55), poder conferir gramaticalidade a uma frase constituída apenas de um elemento nominal (um nome).

O autor vai assumir (sem debater em muita profundidade) que a morfologia de grau também possui o traço [+avaliativo]. Para tal, Leopoldino apoia-se no trabalho de Zamparelli (1993), que propõe que adjetivos escalares do tipo de “linda” possuem a seguinte constituição:

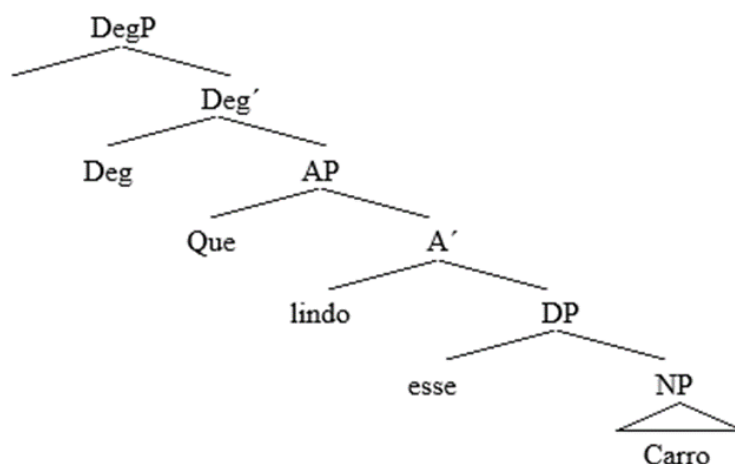
(56)



(ZAMPARELLI, 1993, p.22)

Leopoldino (2019) passa a considerar, então, que uma exclamativa não-sentencial possui essa constituição, ou seja, que há um sintagma adjetival dominado por um sintagma de grau (DegP); a estrutura arbórea de uma exclamativa do tipo de “Que lindo esse carro” seria, nesses termos, seguindo a proposta de Abney (1984), a seguinte:

(57)



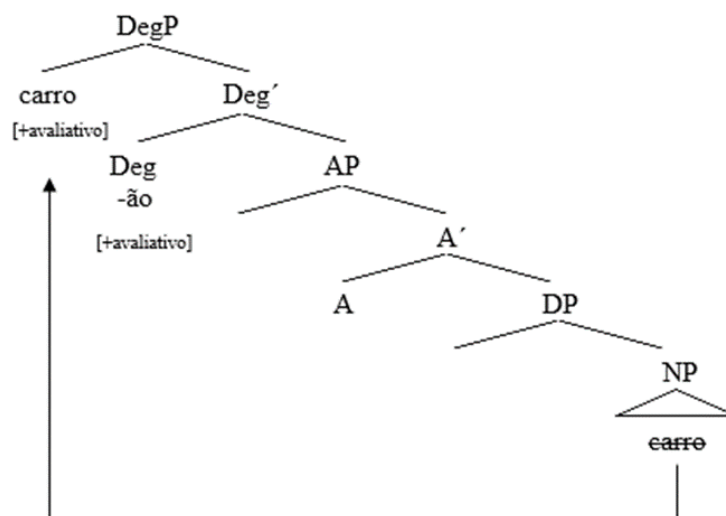
(LEOPOLDINO, 2019, p.12)

O autor, então, passa a considerar, como proposto anteriormente, que o traço [+avaliativo] é essencial para a construção da estrutura exclamativa. Ele propõe, ainda, que a projeção de grau (DegP) precisa conter necessariamente esse traço específico e que, para que esse traço seja checado, é necessário que essa projeção seja ativada. A proposta de Leopoldino (2019), portanto, é a de que exclamativas-wh não sentenciais não apresentam uma estrutura de sentença (contrariamente ao que propõe Sibaldo (2016).

Leopoldino (2019) passa a propor, pois, que – na ausência de um adjetivo ou da partícula ‘que’, no caso de dados como (55) – a interpretação exclamativa passa a existir caso o substantivo suba para a projeção de grau, ganhando a morfologia de aumentativo.

Essa ideia é representada no diagrama a seguir:

(58)



(LEOPOLDINO, 2019, p.13)

Aqui, pode-se ver que o movimento do nome para a projeção de grau faz com que o substantivo consiga o traço [+avaliativo], ativando, desse modo, a força exclamativa. Pretendo avaliar a viabilidade dessa proposta nesta dissertação, e vou propor que o autor está basicamente correto quanto a isso. Não vou adotar essa proposta nesta dissertação, embora a ideia que eu desenvolverei seja similar.

### 3 METODOLOGIA

O método utilizado no presente trabalho para a análise de dados é o método hipotético dedutivo. Assim sendo, utilizarei minha intuição de falante nativo do Português Brasileiro para levantamento de dados e, a partir desses, levantarei hipóteses que visam à generalização de padrões. Por fim, testarei as hipóteses levantadas com mais dados para avaliar a qualidade do seu poder explicativo.



Este trabalho parte do pressuposto de que a gramática interna na mente humana é moldada a partir da interação da Gramática Universal com o *input* linguístico inicial de uma determinada língua. Portanto, meu objetivo é analisar qual é a estrutura das exclamativas-Wh não sentenciais na gramática do Português Brasileiro.

#### 4 REVISÃO DO CAPÍTULO 1

Neste capítulo, introduzi o objeto de estudo desta dissertação, que são as frases exclamativas-Wh não sentenciais do Português Brasileiro. Discriminei quais são os dados em que focarei minhas discussões, quais sejam, os dados em que há uma partícula ‘que’ seguida de adjetivo e substantivo (em ordem variada), em que há uma partícula ‘que’ seguida de um adjetivo ou a partícula ‘que’ seguida de um substantivo, uma exclamativa composta de apenas um adjetivo, ou a possibilidade de sentenças com substantivos nus que carregam a morfologia de grau. Identifico um ponto interessante neste último caso ao contrastá-lo com a agramaticalidade de uma frase exclamativa composta por um substantivo sem morfologia de grau ou com morfologia de diminutivo.

Noto ainda, que nem todo adjetivo pode ser usado para licenciar a força exclamativa e pretendo analisar qual é o tipo de adjetivo adequado para tal licenciamento.

Formulei, então, as perguntas e os objetivos sobre os quais me debruçarei ao longo desta dissertação, coma intenção de explicar os dados expostos acima: quais adjetivos são adequados para formação de uma exclamativa? por que e como o morfema de grau aumentativo licencia a força exclamativa e o morfema diminutivo não? E qual a estrutura desse tipo de exclamativa no PB?

Tornei claro o pano de fundo teórico que usarei, sendo ele o programa minimalista de Noam Chomsky (1995) e a proposta cartográfica de Rizzi (1997). Quanto a este último trabalho, em que se propõe a explosão da camada CP, explorarei a camada *Force*, que é

a camada em que estão presentes as informações da força ilocucionária da sentença. Vou avaliar se as exclamativas curtas têm ou não estrutura sentencial e, caso não tenham, detalhar como a força ilocucionária exclamativa é ativada nessas construções. Depois, fiz uma revisão da bibliografia sobre frases e sentenças exclamativas, disse quais propostas pretendo seguir e de quais pretendo discordar. Por fim, expus a metodologia que usarei nesta pesquisa.

## CAPÍTULO 2

---

### A SINTAXE DE EXCLAMATIVAS-WH NÃO-SENTENCIAIS DO PB

Neste capítulo, pretendo avaliar as questões de ordem sintática das exclamativas-wh não sentenciais.

Retomando o que foi exposto no primeiro capítulo, debruçar-me-ei sobre os dados do tipo de (1), (2) e (3).

- (1) a. Que lindo carro!  
b. Que carro!  
c. Que lindo!
  
- (2) a. Lindo carro!  
b. Carro lindo!  
c. Lindo!  
d. \*Carro!
  
- (3) a. \*Carro!  
b. Carrão!  
c. \*Carrinho!

Como já avalei no capítulo anterior, os dados acima levantam questões interessantes sobre a estrutura das exclamativas curtas. Conforme mencionei

anteriormente, é possível ver no contraste de gramaticalidade entre (2.c) e (2.d) que se pode exclamar empregando apenas o adjetivo, mas não se vê a mesma possibilidade empregando-se o nome nu, como em d. Ou se exclama associando-se um adjetivo ao nome, ou associando a ele a partícula “que”.

Como eu disse antes, ao que tudo indica, é necessária uma construção de natureza adjetival, ou que contenha o termo “que” para que a ilocução exclamativa seja ativada nas construções não sentenciais, já que se exclama apenas com o adjetivo, mas não empregando apenas o nome. Essa questão precisa ser retomada e discutida aqui.

Além disso, como já mencionei no capítulo anterior, parece haver algo com a morfologia de grau que é capaz de ativar a força exclamativa e viabilizar (3.b) em contraste com (3.a), mas a mesma morfologia de grau não é capaz de licenciar a exclamação em (3.c). Temos aí mais uma questão intrigante que pretendo discutir neste capítulo.

Um terceiro ponto que pretendo discutir aqui tem a ver com a estrutura das exclamativas curtas no PB: teriam elas uma estrutura sentencial (CP) conforme o quer Sibaldo (2016) ou seria possível explicar essas construções com base em outro tipo de avaliação estrutural?

Neste capítulo, pretendo responder a todas essas perguntas.

## **1 A HIPÓTESE DO CP: AVALIANDO SIBALDO (2016)**

Retomando a discussão de Sibaldo (2016), temos que o autor propõe uma diferença sintática entre dois tipos de exclamativas do Português Brasileiro, o que ele chama de Small Clauses Livres (SCL) e as Que-Small Clauses Livres (Que-SCL).

Sibaldo define ambas as frases como sendo caracterizadas “pela justaposição de um predicado e seu sujeito, nessa ordem, sem verbo ou morfologia de tempo na superfície”

(SIBALDO,2016, p.114). As Que-SCLs diferem das SCLs por serem encabeçadas pela palavra ‘que’. Abaixo estão os dados, que o autor apresenta.

- (4) a. Muito linda essa bolsa!  
b. Uma droga aquela aula!
  
- (5) a. Que linda essa bolsa!  
b. Que droga aquela aula!

(SIBALDO, 2016, p.125)

Sibaldo propõe que as frases em (4) são TPs Livres. Como já mencionei no anteriormente, ele se apoia no trabalho de Cardinaletti & Guasti (1995), o qual defende que alguns advérbios (conhecidos como advérbios de tempo) são licenciados por uma projeção TP; desse modo, sem um TP, a associação de um advérbio de tempo na sentença se torna impossível. O Contraste de gramaticalidade em (6) mostra, para o autor, que Small Clauses não possuem TP.

- (6) a. Hoje eu acho que o João estava bêbado ontem  
b. \*Hoje eu acho **o João bêbado ontem**

(SIBALDO, 2016, p. 124)

Buscando avaliar esses dados, Sibaldo (2015) aplica o teste da adjunção do advérbio de tempo para argumentar em favor da existência de um TP nas SLC e nas Que-SLC. A

gramaticalidade dos dados em (7) mostra, segundo o autor, que as (que)-SCL passam nesse teste<sup>25</sup>.

- (7) a. Bonita a sua roupa *hoje*!  
b. Que lindo o dia *hoje*!

(SIBALDO, 2016 p.125)

A conclusão de Sibaldo vai ser: se é possível associar tais advérbios às construções, elas constituem um TP, logo, um CP, apresentando, portanto, estrutura sentencial.

É possível encontrar evidência independente na língua para refutar a hipótese de Sibaldo de que essas construções constituam um TP e, portanto, um CP, se consideramos um conjunto específico de dados, a saber as sentenças infinitivas que complementam verbos de percepção, dados como as que se mostram em (8) a seguir:

- (8) a. Eu vi [o João chegar ontem].  
b. A Maria ouviu [o bebê chorar hoje cedo].

---

<sup>25</sup> Sibaldo (2016) usa também o teste da negação, também adaptado de Cardinaletti & Guasti (1995), não vou me debruçar sobre esse teste, pois ele não parece ser adequado para as exclamativas e não está muito claro se as (que)-SCL de fato passam incólumes a ele..

Qual seria a estrutura da sentença infinitiva nesse conjunto de dados? Há aí a constituição de um TP, ou a estrutura é a de um VP? Há razões para crer que a segunda opção é a mais viável. Vejamos.

Primeiro, é preciso considerar que a posição de sujeito na encaixada em (8) não é uma posição de Caso; tivéssemos aí um TP, a expectativa seria a de que o sujeito, em Spec,TP recebesse nominativo via concordância. A simples pronominalização do sujeito nesses casos nos mostra que a realidade é outra:

- (9) A – Eu o vi chegar ontem.  
B – A Maria ouviu-o chorar hoje cedo.

Como se pode ver, o sujeito da encaixada recebe Caso no vP da matriz, caso acusativo, o que impõe certa dificuldade de se considerar a encaixada como contendo um TP. A conclusão mais plausível é a de que a infinitiva seja de fato um VP.

Mesmo assim, foi possível associar os advérbios de tempo (*ontem e hoje cedo*) a essas sentenças. Ou seja, a argumentação de Sibaldo de que só é possível associar advérbios de tempo a sentenças que constituam TPs fica enfraquecida aqui.<sup>26</sup>

Outro desafio para análise de Sibaldo (2016) se encontra na sua conclusão de que as que-SCL projetariam um CP. Em geral, e isso se pode ver nos dados do PB, construções

---

<sup>26</sup> Para uma discussão de sentenças infinitivas complementos de verbos de percepção como sendo VPs, ver Felser (1999).

que projetam um CP podem ter o núcleo C<sup>0</sup> preenchido com a partícula ‘que’, mesmo havendo material no Spec da projeção.

Vejamos, por exemplo, os dados de Sieiro (2020) para as interrogativas (10.a, b) e relativas (10.c):

- (10) a. [<sub>FocP</sub> Quem [<sub>Foc</sub><sup>0</sup> **que** [<sub>TP</sub> chegou]]]?  
b. [<sub>FocP</sub> Quando [<sub>Foc</sub><sup>0</sup> **que** [<sub>TP</sub> o João saiu]]]?  
c. A menina [<sub>RelP</sub> de quem [<sub>Rel</sub><sup>0</sup> **que** eu gosto]]

(SIEIRO, 2020, p.105,106)

Como podemos ver nos dados acima, em construções contendo um CP (sejam elas interrogativas ou relativas), o núcleo da projeção pode ser realizado por meio da inserção do morfema **que**. A expectativa é a de que o mesmo seja possível exclamativas sentenciais, fato que se confirma no dado abaixo; vejamos:

- (11) Que lindo **que** o seu carro é!

Ou seja, há razões para crer que a análise de Sibaldo não esteja considerando determinados fatos que inviabilizam uma interpretação de exclamativas do tipo das que analisamos aqui como sendo construções de estrutura sentencial.

Além disso, vamos considerar mais alguns pontos na análise de Sibaldo. Vejamos como o autor propõe a derivação daquilo que ele chama Que-SCL:

- (12) [<sub>CP</sub> [<sub>DegP</sub> Que linda]<sub>i</sub> C [<sub>TP</sub> [<sub>DP</sub> a sua roupa]] T+Rt [<sub>RP</sub> *t<sub>j</sub>* [<sub>R'</sub> *it t<sub>i</sub>* ]]]]



Se essa é de fato a estrutura desse tipo de construção exclamativa, com um CP em sua derivação, por qual razão não é possível preencher o núcleo C0 se, como vimos há pouco, é isso que é esperado em construções com um CP e em exclamativas de natureza sentencial? O dado em (13) a seguir evidencia a impossibilidade dessa inserção.

(13) \*Que linda que essa roupa!

Esses fatos parecem sugerir que esse tipo de exclamativa não possui uma projeção CP. Assim, passo a considerar aqui que a hipótese de Sibaldo pode não estar correta. Na próxima seção, pretendo expor o que acredito ser, de fato, a estrutura sintática deste tipo de frase.

## **2 AS EXCLAMATIVAS CURTAS COMO DegPs**

Assumirei daqui em diante que as exclamativas-wh não-sentenciais se organizam na forma de um DegP. Primeiro, para argumentar sobre o caráter não sentencial dessas exclamativas, vou me apoiar no trabalho de Sieiro (2020), no qual o autor sugere que a impossibilidade de preencher o núcleo Excl<sup>0</sup> com a partícula ‘que’ em frases sem um verbo manifesto (15), em contraste com exclamativas sentenciais (14), é evidência do seu caráter não sentencial. Usarei, portanto, essa linha de raciocínio como teste para averiguar se as exclamativas que analiso possuem caráter sentencial ou não.

(14) a. Que lindo que é esse carro!

- b. Que lindo que esse carro é!
  - c. Que lindo carro que você comprou!
- (15)
- a. \*Que lindo que esse carro!
  - b. \*Que mulher que maravilhosa!

(SIEIRO, 2020, p. 105)

Observe-se nos dados em (14) – repetidos abaixo como (16) e (17) – que tanto a forma com o morfema *que*, quanto a forma sem esse termo constituem exclamativas sentenciais gramaticais:

- (16)
- a. Que lindo é esse carro!
  - b. Que lindo (que) é esse carro!
- (17)
- a. Que lindo esse carro é!
  - b. Que lindo (que) esse carro é!

Os dados, entretanto, mostram que a inserção de *que* em sentenças como (15a, b) resulta em construções agramaticais como se vê em (18) e (19):

- (18)
- a. Que lindo esse carro!
  - b. \*Que lindo que esse carro!

- (19) a. Que mulher maravilhosa!  
b. \*Que mulher que maravilhosa!

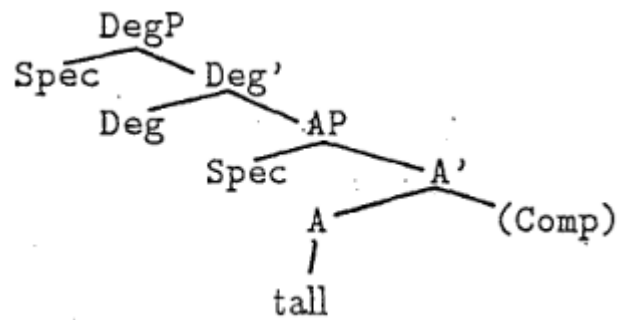
Tais constatações levam-me a postular que em (16) e (17) a exclamativa contém uma projeção CP, mas não em (18) e (19). A hipótese de Sibaldo sobre dados como (18) e (19) (a saber, a de que se trata de construções de caráter sentencial) faz a previsão de que a inserção de “que” (realização do C<sup>0</sup> (ou Excl<sup>0</sup>) deveria ser possível, fato que não se verifica nos dados.

Assim, sabendo que não se trata de exclamativa com natureza sentencial, resta-nos dizer qual a estrutura dessas construções. Como informei na introdução, vou propor que tais sentenças são na verdade um AP dominado por uma projeção DegP. Para isso, baseio-me nos trabalhos de Zamparelli (1993), Zanuttini e Portner (2015) e Castroviejo (2007). As razões para propor isso estão ligadas à semântica dessas construções e à possibilidade (como já evidenciei anteriormente) da atuação da morfologia de grau na constituição da força ilocucionária exclamativa.

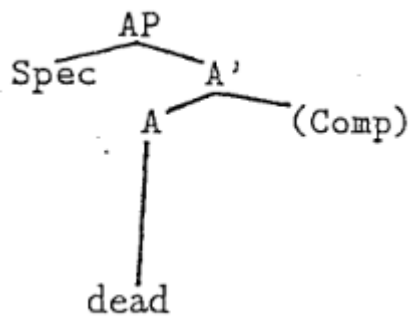
## **2.1 AVALIANDO A ESTRUTURA DAS EXCLAMATIVAS COMO DegP**

Zamparelli (1993) faz uma distinção entre a representação lexical de adjetivos escalares e adjetivos não-escalares. Para ele, os primeiros teriam a representação em (20) e os últimos a que vê em (21).

(20)



(21)



(ZAMPARELLI, 1993, p.153)

A ideia seria a seguinte: quando estamos falando de adjetivos escalares (ou seja, adjetivos gradáveis em suas propriedades predicacionais), temos a constituição de um AP dominado por um DegP: a projeção AP condensa a propriedade que o adjetivo refere, enquanto o DegP encerra elementos que especificam em qual “grau” a propriedade se encontra (ZAMPARELLI, 1993, P.153).

Já os adjetivos não escalares projetam apenas o AP, que – como dissemos – condensa as propriedades do adjetivo, não se constituindo qualquer informação ou noção semântica que lhe determine o grau

Assumindo que a hipótese de Zamparelli está certa, essa diferença de estrutura entre adjetivos escalares e não escalares pode explicar a razão do contraste de gramaticalidade que ocorre em (22) e (23).

(22) \*Que morto!

(23) Que alto!

Como a semântica de “surpresa” de uma exclamativa está ligada à diferença entre a percepção do falante sobre a propriedade de um indivíduo ou objeto e a realização que tal propriedade está em um nível mais alto no contexto da enunciação da exclamativa, parece ser plausível que apenas aqueles adjetivos que possuam “espaço” para codificar o grau da propriedade que referem possam aparecer em contextos exclamativos.

Passo a assumir, daqui em diante, seguindo Zamparelli, que somente adjetivos de grau podem exclamar (explorarei mais a fundo a natureza dos adjetivos em exclamativas curtas na próxima seção).

Com o intuito de fundamentar minha argumentação, e com a intenção de dar contorno à hipótese do DegP para exclamativas curtas, vou assumir aqui a hipótese para a constituição de APs delineada em Abney (1987). Abney propõe em sua tese a hipótese do DP, segundo a qual, NPs são sempre dominados por uma camada funcional responsável por codificar a definitude, que seria o DP.

Além disso, para Abney, adjetivos (que em inglês estão sempre antepostos aos nomes) selecionam esses nomes como seus complementos e são imediatamente dominados por uma projeção de grau (DegP). Para fazer esta afirmação, o autor se baseia em dados como os que se mostram a seguir:

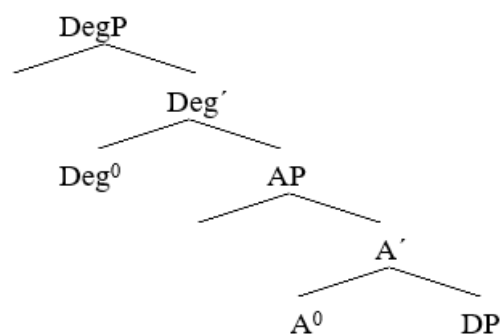
- (24) a. It was this/ that big  
 b. it was all red

(ABNEY, 1987, p. 189)

Abney argumenta que *this*, *that* (em 24.a) e *all* (em 24.b) não são, como o quer a análise tradicional, a realização de determinantes; seriam, antes elementos de grau (Deg), como como ocorre em *so big*, *too big*, *as big* etc-. Estabelecendo uma espécie de paralelo entre a relação do D com o NP que ele domina, e a relação entre um elemento que indica grau e o AP que o segue, Abney vai propor que da mesma forma que um D selecionaria um NP como complemento, um Deg, uma categoria funcional, selecionaria um AP como seu complemento; os termos em (24) *this*, *that* e *all*, desse modo, são Degs, e não Ds.

Vou assumir, juntamente com Abney (1987), que todo AP seja dominado por um DegP, seja essa projeção materializada na presença de morfema ou de itens lexicais de grau, seja ela vácuca, ou não realizada fonologicamente. Assim, a constituição do complexo DegP-APn seria a seguinte:

(25)



Como vimos no capítulo anterior, em exclamativas curtas, só é possível exclamar com uma estrutura que contenha um adjetivo (26.a), ou a partícula *que* (26.b), ou esses elementos associados a um nome, (26.c), mas não é possível exclamar com o nome nu (26.d).

- (26) a. Linda casa!  
b. Que casa!  
c. Que linda casa!  
d. \*casa!

Entretanto, a língua parece dispor de outros recursos para gerar uma exclamação apenas com o emprego de um substantivo. Vejamos o dado em (27):

- (27) Casona!/ Casarão!

Como já havia dito, e como se pode constatar por (24), a morfologia de grau parece viabilizar a ativação da força exclamativa, e passa a ser possível exclamar empregando apenas o nome, sem a adição do adjetivo ou da partícula *que*. Se minha hipótese estiver correta, temos, nesses casos, um DegP que domina um AP vácuo, que domina um DP.

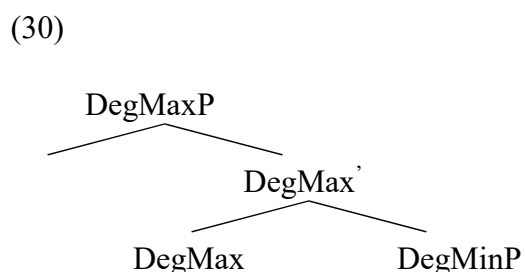
Supor que a morfologia de grau por si só é suficiente para ativar a força ilocucionária exclamativa poderia conduzir à seguinte previsão: a simples adição de um morfema de grau a um nome (independentemente do tipo de morfema de grau) ativaria automaticamente a força exclamativa, já que estamos atribuindo à projeção DegP o papel de licenciar a exclamação. Entretanto, contrariamente aos fatos, a morfologia de grau diminutivo parece não ter o mesmo efeito que tem o aumentativo; é o que mostra o conjunto de dados em (28) e (29):

- (28) a. Que casa enorme!  
 b. Casarão! (Exclamação)
- (29) a. Que casa pequena!  
 b. \*Casinha! (exclamação)

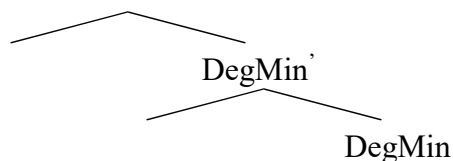
Assim, é importante observar que, se existem dois comportamentos tão diferentes para os dois tipos de morfema de grau, é preciso tentar explicar a assimetria, e buscarei aqui uma explicação sintática.

Em primeiro lugar, é preciso deixar bastante claro o seguinte: é possível exclamar com um nome que contenha a morfologia de grau aumentativo, mas não é possível exclamar com a morfologia de grau diminutivo. Estariam essas coisas associadas a posições sintáticas específicas? Sou tentando acreditar que sim: se há impactos diferentes na semântica, deve haver posições sintáticas diferentes para a realização de cada um desses morfemas.

Passo a considerar que tal intuição esteja correta e proponho que haja (inicialmente) pelo menos duas projeções funcionais em DegP: uma em que se ative a força exclamativa e outra em que isso não ocorra. Chamarei à primeira DegMax e à segunda DegMin, a primeira notadamente relacionada ao aumentativo e a segunda claramente relacionada ao diminutivo. Vejamos em (30):







Apenas o DegMaxP poderia licenciar a força exclamativa em frases não sentenciais (conf. (29)e (29)). A discussão nesse ponto precisaria ser orientada no sentido de saber quem estaria mais alto: DegMax, como suponho e proponho acima, ou DegMin? Armelin (2011) argumenta que, na verdade, o nódulo mais alto na projeção Deg seria o que contém o diminutivo, pois – em palavras em que ambos os morfemas aparecem, segundo ela – a ordem diminutivo-aumentativo deve ser respeitada, caso contrário, a palavra resultante seria agramatical (Armelin, 2011, p. 18). Vejamos os dados:

- (31) a. cachorro – \*cachorrinhozão/ cachorrãozinho  
 b. menino – \*menininhozão/ meninãozinho  
 c. chato – \*chatinhozão/ chatãozinho

(ARMELIN, 2011, p. 18)

É possível que Arnelin esteja correta, porém seria necessário explicar ocorrências em que a ordem se inverte, como no dado em (32) a seguir, ocorrência registrada em uma peça publicitária da empresa Amazon:

(32) Lembrancinhazonas<sup>27</sup>

O contexto completo da propaganda está transcrito em (33):

(33) “Esta é a tia Marta aproveitando as ofertas de fim de ano da Amazon para comprar umas lembrancinhas para sua família, mas com ofertas tão boas, ela vai passar a ser Marta, a tia das *Lembrancinhazonas*.”

Disponível em: <https://www.cidademarketing.com.br/marketing/2021/12/10/amazon-lanca-campanha-com-o-mote-fim-de-ano-amazon-espalhe-sorrisos/>

Como se pode ver pelo dado acima, é possível haver, em palavras da língua portuguesa, a ordem diminutivo-aumentativo, o que – em parte – impõe certa dificuldade à proposta de Armelin (2011)<sup>28</sup>.

Há outros dados em contextos específicos que poderíamos considerar; vejamos:

Situação 1:

---

<sup>27</sup> Falantes consultados também aceitam (embora não seja uma unanimidade) a forma “Lembrançonazinha”. Observe-se que, com essa forma, o nome não exclama, fato que ocorre com a ordem do aumentativo ao final. Pela hipótese que estou defendendo aqui, o grau máximo, ou seja, aumentativo, ativa a ilocução exclamativa, enquanto o diminutivo, não.

<sup>28</sup> Diante da possibilidade de não haver de fato morfologia de diminutivo em “lembrancinha” (o que faria que lembrancinhazona contivesse apenas marca de aumentativo), considerando-se que o elemento -inha pode já integrar o termo atribuindo-lhe unidade semântica distinta do termo original, é importante mencionar que não se trata do único termo da língua em que a ordem diminutivo-aumentativo ocorre. Dados como “menininhozão”, “corpinhozão”, “negocinhozão” são recorrentes na língua em diversos contextos de uso.

Pedro é um garoto de 12 anos de idade, ele tem 1,70 metros de altura, o que é bem alto para crianças da sua idade, que têm em média 1,40 metros de altura. No seu colégio, no final do recreio, ele sempre faz questão de recolher latas de refrigerante e demais plásticos, deixados no chão por outros alunos, para jogá-los no lixo. Duas professoras observando esse comportamento têm o seguinte diálogo:

(34) João: – Olha só que menininho mais fofo limpando o pátio.

Anna: – Menininhozão você quer dizer, né? Olha só o tamanho dele.

Nesse contexto, o termo *menininhozão* parece ser bem aceitável. Vejamos a segunda situação.

#### Situação 2:

Marcos trabalha na empresa X; lá ele tem fama de ser extremamente inconveniente, sempre interrompendo o trabalho dos seus colegas para conversar sobre assuntos desinteressantes. Depois de um desses episódios com dois de seus colegas, um mais intolerante com o comportamento de Marcos (João) e outro mais compreensivo (Anna), eles têm o seguinte diálogo:

(35) João: – Meu Deus, o Marcos é insuportável!

Anna: – Não é pra tanto, ele é só um pouco chatinho

João: – Chatinho? *Chatinhozão* é o que ele é!

Nesse contexto, o termo *chatinhozão* também parece ser aceitável.

Como vimos, a ordem diminutivo > aumentativo também é viável em português.

Ficamos diante de um impasse aparente: aumentativos seguem diminutivos ou o contrário?

Digo que o impasse é aparente, porque – mesmo na hipótese de que Armelin esteja correta, e diminutivos se mostrem mais altos em certos dados – seria necessário explicar a ocorrência de termos como os que aparecem destacados em (36) a seguir:

- (36) João: – Ele não ficou um homão?  
Anna: – Homãozão, homãozaço!

Se há o acréscimo de duas marcas de aumentativo distintas, é possível que haja mais de uma projeção em Deg para hospedar aumentativos (mais de um DegMax): uma projeção mais baixa que os diminutivos, como o quer Armelin, associada à codificação do aumentativo em si, e outra mais alta, essa – na proposta que procuro organizar aqui – associada à ativação da força exclamativa.

Além do mais, precisamos ainda considerar que, em determinados contextos, o aumentativo não pode preceder o diminutivo; é o que se verifica com a ocorrência da forma -zaço/-aço. Vejamos:

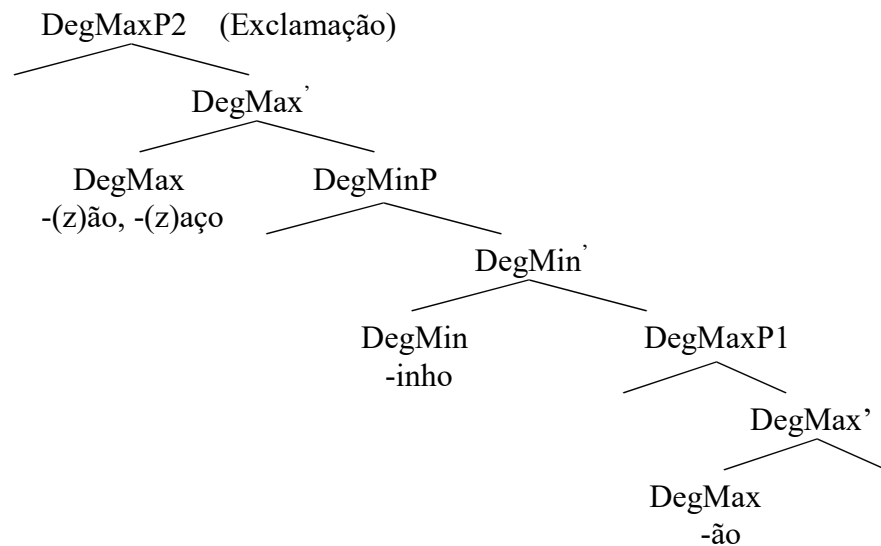
- (37) a. carrinhozaço/\*carraçozinho  
b. menininhozaço /\*meninaçozinho  
c. gatinhozaço /\*gataçozinho

Vamos então sintetizar o cenário que se mostra até aqui:

1. É possível a ordem aumentativo-diminutivo, bem como a ordem diminutivo aumentativo;
2. É possível o emparelhamento de duas marcas sucessivas de aumentativo.

Somos então levados a concluir que, de fato, deve haver em DegP mais de uma projeção DegMax; na verdade, proponho que tenhamos uma projeção DegMin ensanduichada por duas projeções DegMax, como mostra o desenho da estrutura proposto a seguir:

(38)



Apenas a projeção DegMaxP2 seria capaz de constituir contextos exclamativos em construções não sentenciais; as posições DegMaxP1 e o DegMinP não estariam associadas à força ilocucionária de exclamação.

Observemos agora alguns contrastes encontrados em dados como os que aparecem em (39) e (40) a seguir:

(39) a. Muito homem o Matheus!

- b. Que homem o Matheus!
  - c. Muito homão o Matheus!
  - d. Que homão o Matheus!
- (40)
- a. Que homem o Matheus!
  - b. Que homaço o Matheus!
  - c.\*Muito homaço o Matheus!

O contraste de gramaticalidade entre (39.c) e (40.c) parece sugerir que, em DegP, intensificadores como “muito” encontram-se em DegMax2, já que ativam a força exclamativa. Além disso, “muito” parece estar em distribuição complementar com a morfologia de superlativo (que também suponho estar associada à projeção DegMax2), o que se dá a ver pelo contraste entre (40.b) e (40.c).

Vejamos mais um conjunto de dados:

- (41)
- a. Homãozão o Matheus!
  - b. \*Muito Homãozão o Matheus!
  - c. Muito homão o Matheus!

Como se pode ver em (41.a), é possível que haja dois morfemas de aumentativo na mesma palavra em uma exclamativa não sentencial. O último morfema, *-zão* é aquele que está licenciando a exclamação. A agramaticalidade de (41.b) se deveria ao fato de o intensificador *muito* estar competindo pela mesma posição com a segunda marca de aumentativo de *homãozão*. Observe-se ainda que a boa formação de (41.c) parece evidenciar que o problema não é a realização do intensificador ‘muito’ com o aumentativo, mas a impossibilidade de sua ocorrência com a segunda marca de

aumentativo, a que estamos considerando aqui que ativa a ilocução exclamativa nessas sentenças curtas.

A ideia é então a de que o intensificador “muito” esteja em DegMax2, posição também associada ao morfema -zão, que – segundo minha proposta – ativa a exclamação. Uma consequência de analisar o intensificador “muito” como estando em DegMax2 é a necessidade de interpretar a partícula *que* e o termo *um* como não estando em distribuição complementar com *muito*, ao contrário do que previu Sibaldo (2016, p.114), uma vez que eles podem aparecer concomitantemente ao morfema -aço.

- (42) a. Que homaço o Matheus!  
b. Um Homaço o Matheus!

Se considerarmos que o morfema -aço também esteja associado à projeção DegMax mais alta, local em que suponho se ativar a exclamação, então, a previsão é a de que não pode haver a co-ocorrência de superlativo (materializado no morfema -aço) e o intensificador “muito”. Essa previsão parece se confirmar, se consideramos a agramaticalidade de (43) a seguir:

- (43) \*Muito homaço o Matheus!

Ainda não estou certo sobre qual seria a posição que *um* e *que* ocupam nessas construções (ao que tudo indica trata-se de determinantes de fato); deixarei a questão em aberto para investigações futuras, por entender que a não determinação dessa questão não afeta ou inviabiliza a discussão constituída aqui.

Como se pode ver, os dados postos em análise aqui parecem apontar para uma cartografia rica da projeção DegP. A seguir, apresento mais um conjunto de dados que pode revelar mais pontos intrigantes quanto ao que se tem na projeção Deg.

## 2.2 MAIS POSIÇÕES NO DEGP?

Já sugeri em seções anteriores que, como há dois comportamentos semânticos distintos para o aumentativo e o diminutivo e como é possível que ambos apareçam na mesma palavra, deve haver em DegP posições distintas associadas a cada um desses morfemas, nomeadamente: DegMaxP e DegMinP. Argumentei também que deve haver mais de uma projeção DegMax “ensanduichando” o DegMin, nessas construções, nomeadamente DegMax1 e DegMax2, considerando-se que em uma dessas posições a adição da morfologia de grau representa a constituição de semântica de aumentativo e apenas na projeção DegMax mais alta se ativaria a exclamação.

O conjunto de dados a seguir parece sugerir algo intrigante acerca de DegP:

- (44) Carrão esse seu!
- (45) a. Esse seu carro, que lindo!  
b. O Matheus, que homaço!

Se observarmos os dados em (44) e (45), vemos o claro deslocamento dos termos “carrão”, “esse seu carro” e “O Matheus” para uma posição mais alta. Observe-se que no caso de (44), o não deslocamento do termo resulta em construção agramatical; é o que se vê em (46) a seguir:



(46) \*Esse seu carrão!<sup>29</sup>

(44) e (45) acima apresentam claramente a topicalização das expressões “carrão”, “Esse seu carro” e “O Matheus”. O que acaba por se constituir em evidência de que pode haver uma, ou, quem sabe, mais de uma projeção de tópico internamente ao DegP. Essa projeção de tópico parece estar acima de DegMaxP2 – projeção que licencia a exclamação – como se pode ver nos dados em a seguir:

(47) a. Que homaço o Matheus!  
b. O Matheus, que homaço!

(48) a. Que lindo esse seu carro!  
b. Esse seu carro, que lindo!

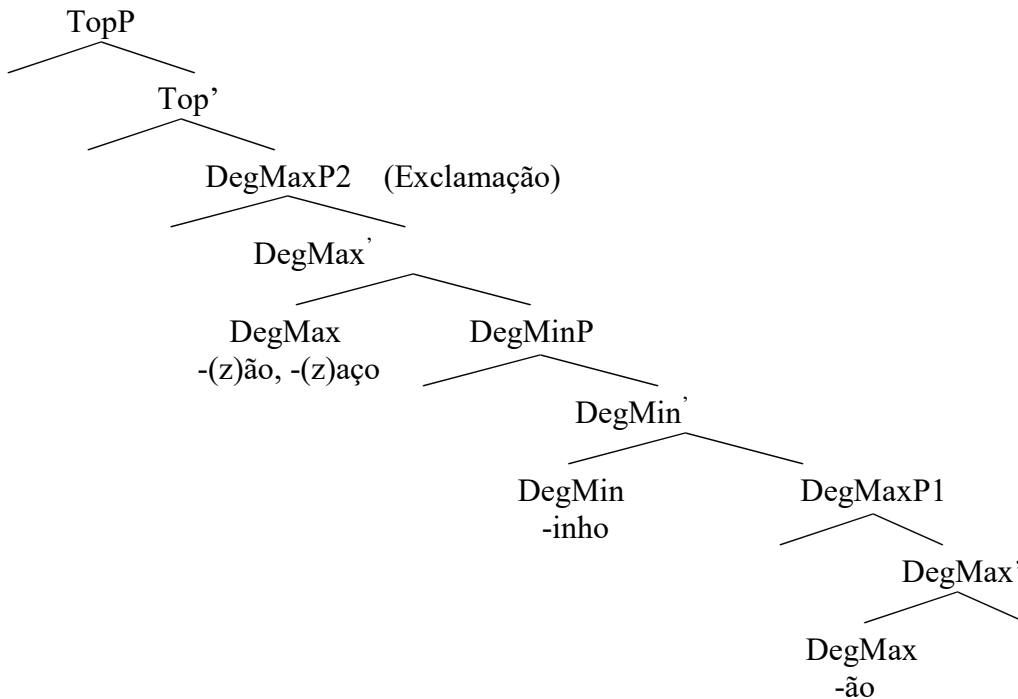
Teríamos, assim, a seguinte configuração para DegP, de acordo com as evidências nos dados<sup>30</sup>:

---

<sup>29</sup> Naturalmente que a construção “Esse seu carrão” é viável em português, desde que não se intente construir com ela uma exclamação.

<sup>30</sup> É possível e até provável que tópicos sejam recursivos em DegP como o são em CP; não encontrei, entretanto, evidências nos dados para constituir tal afirmação. Esse ponto, deixo em aberto para investigações futuras.

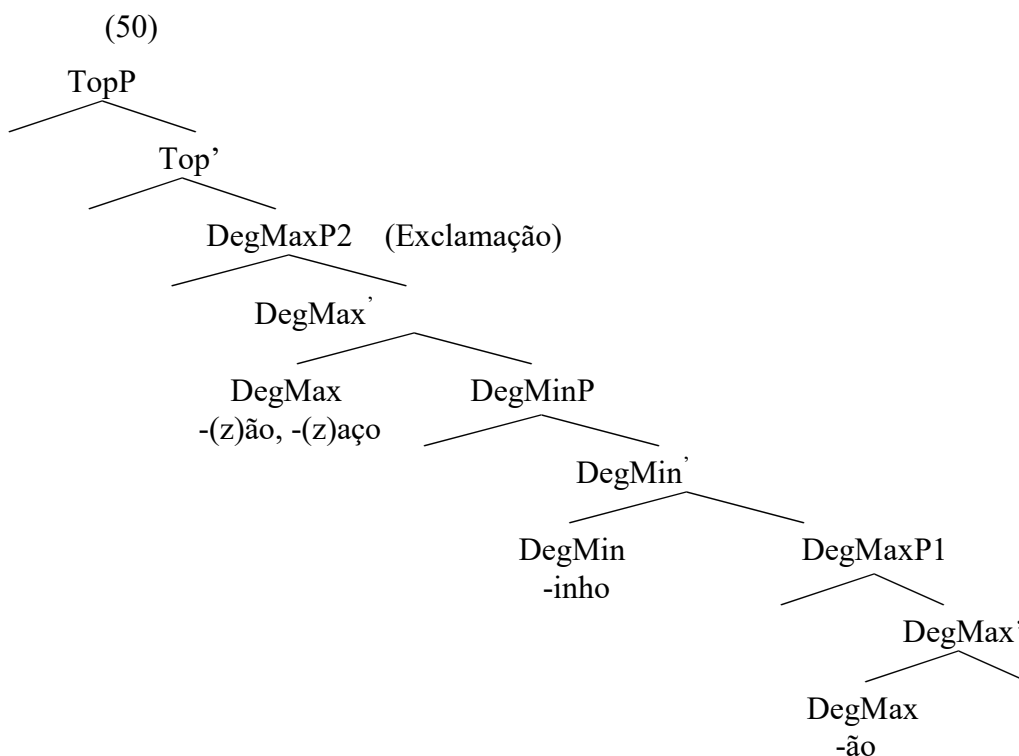
(49)



### 3 INTERFACE SINTAXE SEMÂNTICA

Conforme argumentei anteriormente, entendo que a morfologia de grau (aumentativo e/ou superlativo) reúne condições necessárias para ativar a força ilocucionária exclamativa em construções não-sentenciais do PB. Também conforme a minha argumentação neste capítulo, a morfologia de grau máximo (a que ativa a força exclamativa) está diretamente relacionada a uma projeção específica no DegP, a que nomeei aqui DegMax2. Vejamos como formalizar do ponto de vista sintático essa ideia.

Observemos o gráfico em árvore abaixo:



Como é possível observar na representação acima, vemos que o morfema *-ão* é gerado em DegMaxP2 (assim como *-ação*, na representação do superlativo); como já argumentei anteriormente, é esse morfema, nessa posição que – segundo a proposta que construo aqui – está relacionado à constituição da exclamação.

Imaginando então que o morfema de grau (aumentativo ou superlativo) entre na derivação de certo modo realizando fonologicamente o núcleo DegMax2, é preciso formular sua associação a uma base (adjetival ou Nominal), necessária para a ativação da força ilocucionária exclamativa nas exclamativas curtas.

Pretendo fazer aqui, em primeiro lugar, alusão ao que Lasnik (1995) chama de *Stray affix filter*. Para o autor, um afixo não pode ficar, por assim dizer, ‘desgarrado’ de uma base; no decurso da derivação, ele precisará ser associado a uma base para que a derivação

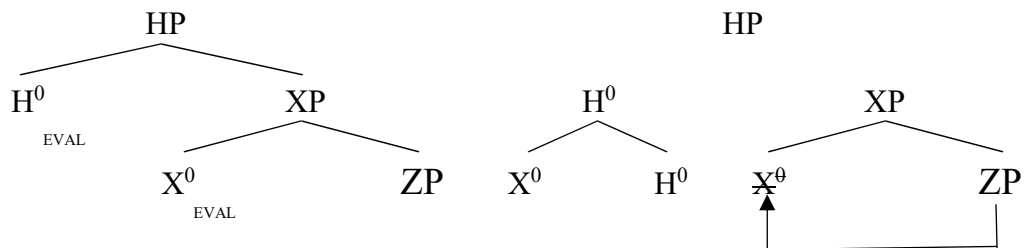
seja convergente. Assim, uma exigência para esse tipo de derivação seria a de que o afixo, uma sonda, varresse a derivação em busca de uma base compatível para se associar a ela, a fim de que a derivação convirja.

Se entendemos que DegP domina uma projeção AP, que domina uma projeção NP, podemos supor que, no campo de busca do afixo, a projeção que estiver ativada (AP ou NP) com um núcleo morfológicamente realizado (N ou A) terá seu núcleo atraído até DegMaxP.

Assim, uma operação de fusão de núcleos na constituição de um núcleo complexo (base + afixo) resultaria na constituição do termo com propriedades exclamativas.

Passo a adotar também aqui a proposta de Matushansky (2006) sobre movimento de núcleo, segundo a qual, um núcleo (uma sonda) precisa atrair para si, em um processo de incorporação, o núcleo da projeção que lhe serve de complemento; em outras palavras, se uma projeção XP é o complemento de um núcleo H<sup>0</sup>, X<sup>0</sup> deverá ser copiado e colado no domínio local de H<sup>0</sup>, considerando a compatibilidade de traços entre esses núcleos (um traço não-interpretável em H<sup>0</sup> e um traço interpretável em X<sup>0</sup>). É o que vemos na representação abaixo:

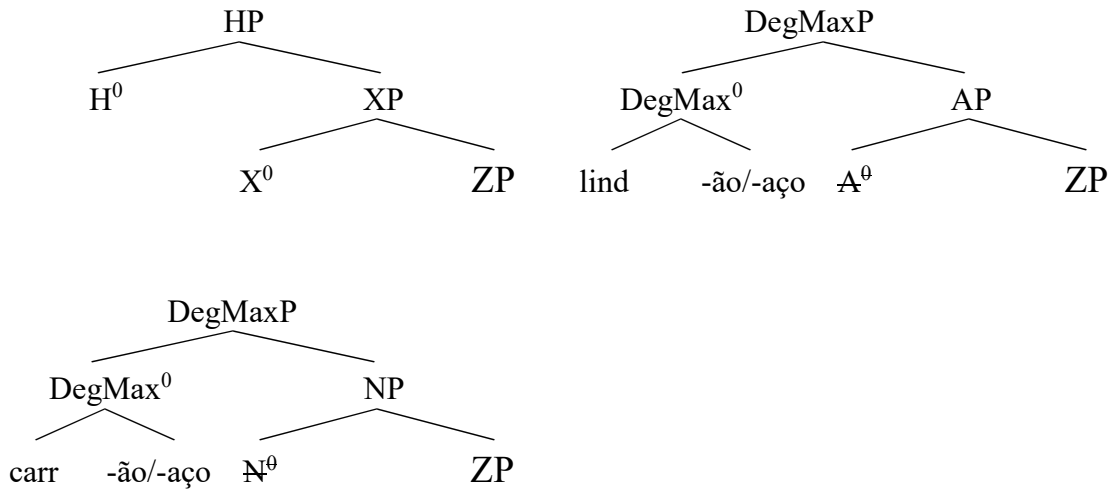
(51)



Segundo Matushansky, o movimento de núcleo é regulado por restrições de localidade. Assim sendo, se um AP complementa DegP, o adjetivo no núcleo do AP é o candidato natural à incorporação com o afixo; se o DegP tem um NP como complemento,

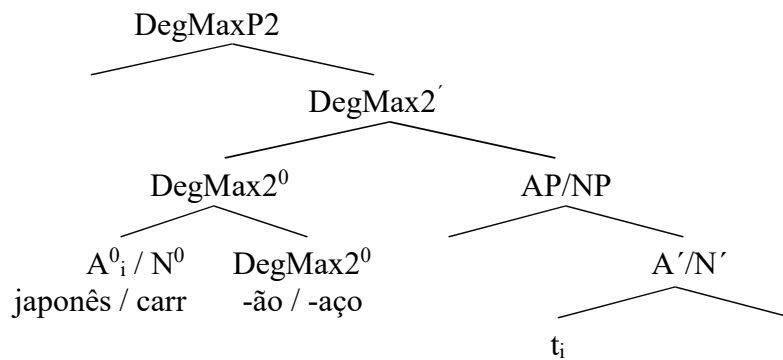
o nome que nucleia essa projeção é o candidato imediato à combinação de traços e formação do núcleo complexo:

(52)



Teríamos, assim, de forma generalizante, o que se vê em (53) para caracterizar a estrutura dessas construções:

(53)



Como se pode ver acima, o núcleo do AP, *japonês*, (ou o do NP, *carro*) sendo compatível com o traço do morfema *-aço*, sobe e se amalgama ao núcleo de DegMaxP; como consequência, temos a ativação da força exclamativa.

Do ponto de vista semântico, nomes (que não exclamam sozinhos) e adjetivos sem grau (que também não conseguem exclamar) quando chegam à projeção DegMax ganham a semântica de avaliatividade e passam a ser licenciados em contextos de força exclamativa.

Como esse tipo de operação sofre restrições de localidade, podemos explicar o contraste em (54)<sup>31</sup>:

- (54) a. [AP Lindo o carro seu!]  
 b. [DegMaxP Lindaço [AP t [NP o carro seu]]]!  
 c. [DegMaxP\*O carraço seu [AP lindo [NP t ]]]!

Aqui, claramente, o núcleo DegMaxP precisa atrair para si o núcleo da projeção que complementa DegMax, no caso de (54), o A (núcleo do AP)<sup>32</sup>.

---

<sup>31</sup> A construção *Lindo carro o seu* admite a estrutura Carrão lindo o seu. Esse dado parece apresentar um problema para a hipótese aqui constituída, mas trata-se de construção distinta da que aparece em (27); aqui, *Lindo carro* é a expressão predicacional (Sintagma Adjetival) e não apenas Lindo como em (27)a.

<sup>32</sup> Uma análise alternativa poderia ser a que considere que de fato há uma estrutura sentencial com o TP elidido nas exclamativas que aqui analiso. A ideia seria que a construção se estruturaria de forma regular, com a constituição da sentença, projeção de TP. O TP seria então selecionado por um núcleo Exclm0 em Force, que provocaria a ativação da projeção ExclmP. Posteriormente, em algum momento da derivação, por alguma razão, todo o TP seria apagado, restando apenas a projeção ExclmP, tal como demonstrado a seguir:

Passo 1 – Derivação da sentença com TP e CP exclamativo: [ExclP [Que lindo carro]<sub>i</sub>] [TP Você comprou *t<sub>i</sub>*]!

## 4 REVISÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, propus respostas para as questões de ordem sintática introduzidas no capítulo 1 sobre as exclamativas-Wh não sentenciais do Português Brasileiro. Comecei com uma retomada dos dados, que consistiam em frases com a partícula ‘que’ seguida de adjetivo ou substantivo, com a partícula ‘que’ seguida de adjetivo e substantivo (sendo possível a inversão desses dois termos), construções contendo apenas o adjetivo e outras com o substantivo acrescido de morfologia de grau aumentativo.

Avaliei a proposta de Sibaldo (2016), colocando-me contrário às suas conclusões. Apresentei dificuldades que se colocam contra a análise das exclamativas feita pelo autor, mais especificamente, procurei refutar a ideia de que as frases em questão apresentam estrutura sentencial. Para tal, demonstrei, usando o trabalho de Sieiro (2020), que o núcleo C, que supostamente existiria na estrutura, não pode ser preenchido sem gerar frases agramaticais, o que sugere que o CP não se encontra presente nesse tipo de exclamativa, considerando o fato de que em outras construções que apresentam um CP (como as relativas, as interrogativas e mesmo as exclamativas sentenciais) esse procedimento é autorizado.

---

Passo 2 - O TP é apagado, restando apenas a projeção ExclmP, que contém o sintagma exclamativo movido para a periferia da sentença: [<sub>ExclP</sub> [Que lindo carro]<sub>i</sub> [~~TP você comprou t<sub>i</sub>~~]]!

Esta análise, entretanto, carece de um pouco mais de evidência que a sustente. Vou deixar a questão em aberto por hora, para que possa ser desenvolvida em pesquisa futura.

Assim sendo, propus que as exclamativas que são o objeto desta dissertação têm caráter não sentencial. Argumentei que a estrutura dessas frases contém uma projeção de grau que domina uma projeção adjetival, seguindo a proposta de Zamparelli (1993), baseando-me no entendimento de Abney (1987) sobre a estrutura do AP. Argumentei que, como há dois comportamentos sintáticos distintos para os morfemas de grau (apenas o aumentativo, e não o diminutivo, é capaz de ativar a força exclamativa), deveria haver mais de uma posição sintática em DegP para relacionar esses morfemas.

Com base na análise de Armelim (2011), postulei que há duas projeções de grau aumentativo “ensanduichando” uma projeção de grau diminutivo em DegP, sendo a ordem, de cima para baixo, a seguinte: DegMaxp2, DegMin, DegMaxP1. Apenas a ativação do DegMaxP2 é capaz de licenciar a força exclamativa, não sendo possível as outras duas fazerem o mesmo.

Por fim, sugeri que a cartografia de DegP pode ser ainda mais rica, a julgar por algumas evidências verificadas nos dados. Propus a existência de pelo menos uma projeção de Tópico interna ao DegP. Essa análise é motivada por frases como *Carrão esse seu, Esse seu carro, que lindo!* em que há um claro deslocamento do nome para a esquerda da construção

No próximo capítulo, vou me centrar na semântica das exclamativas curtas do PB.



## CAPÍTULO 3

---

### QUESTÕES SEMÂNTICAS DAS EXCLAMATIVAS CURTAS

Neste capítulo, pretendo avaliar questões de ordem semântica que as exclamativas wh não sentenciais levantam. Pretendo avaliar como os itens que permitem a exclamação conseguem licenciar a força exclamativa.

Consideremos inicialmente os seguintes dados:

- (1) a. Lindo o seu carro!  
b. Maravilhosa aquela aula!
  
- (2) a. \*Japonês esse restaurante!  
b. \*Nacional esse quadro!

Como é possível ver, há um contraste de gramaticalidade interessante nos dados: adjetivos como “Lindo” e “Maravilhosa” são apropriados em contextos exclamativos, mas não adjetivos do tipo de “Japonês” ou “Nacional”.

Em Sudré (2020), trabalho que será detalhado logo a seguir, há uma discussão dessa questão, e a autora explica a diferença avaliando o tipo de adjetivo empregado. Em (1), os adjetivos *lindo* e *maravilhosa* são o que a autora chama de AGR (Adjetivos de Grau Relativo), e essa classe de adjetivos é a mais adequada para contextos exclamativos. Já os adjetivos em (2) são o que Sudré chama de ASG (Adjetivos Sem Grau), os quais se mostram menos adequados para aparecerem em exclamativas.

Assumo que a autora está correta em relação aos adjetivos em construções positivas. Porém, em construções em que o adjetivo sem grau é acrescido de morfologia de superlativo, como em (3), a frase passa a ser gramatical, vejamos:

- (3) a. Japonêsíssimo esse restaurante!
- b. Nacionalíssimo esse quadro!

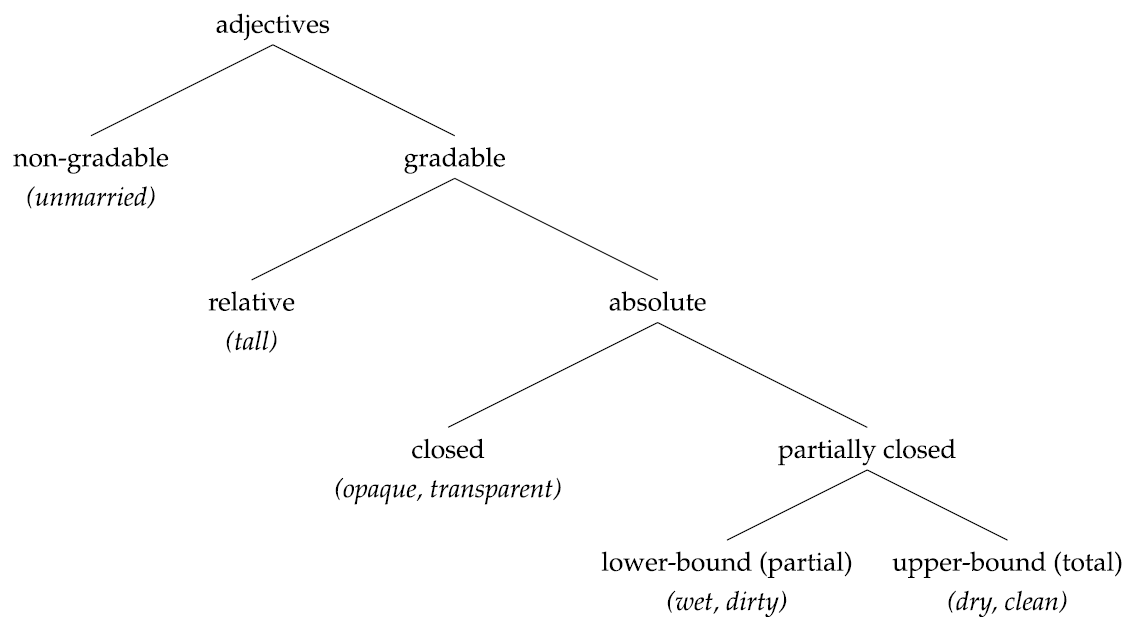
É preciso explorar essa questão e tentar buscar uma explicação satisfatória para o que os dados em (3) nos revelam. Assim como já observei em capítulos anteriores, que a morfologia de grau licencia a constituição da ilocução exclamativa, também aqui, o superlativo parece ser capaz de licenciar adjetivos sem grau (ASGs) em contextos de exclamação. Procurarei, a partir deste ponto, buscar constituir uma análise apropriada dos fatos. Para tal, vou-me apoiar na análise de Rett (2008; 2011) das exclamativas do inglês, tentando elaborar a análise para os dados do PB. Mais especificamente, pretendo justificar a gramaticalidade dos dados de (3) com a noção de *Evaluativity*, que, segundo a autora, é codificada em um morfema nulo denominado EVAL.

Na seção a seguir, analiso o papel dos adjetivos em exclamativas e irei propor a relação entre a morfologia de superlativo e o morfema EVAL.

## **1 TIPOS DE ADJETIVOS EM CENÁRIOS EXPRESSIVOS**

Nesta subseção, analiso os diferentes tipos de adjetivos, mostrando o que a literatura tem a dizer a respeito deles em ambientes de alta expressividade (i.e. em exclamações). Pretendo mostrar que, mesmo adjetivos sem grau, que são os menos adequados para ocorrer em contextos expressivos (Sudré, 2020), podem aparecer em frases exclamativas não sentenciais caso sejam acrescidos da morfologia de grau, mais especificamente o superlativo.

Segundo por Brasoveanu e Rett (2017), os adjetivos podem ser divididos em duas classes: os adjetivos de grau e os adjetivos sem grau. Os adjetivos de grau, por sua vez, podem se subdividir entre os de grau relativo e os de grau absoluto. Estes, por fim, podem ser divididos entre os fechados e os parcialmente fechados. Vejamos o esquema encontrado no Brasoveanu e Rett (2017), baseado em Kennedy e McNally (2005):



(BRASOVEANU e RETT, 2017, p.9)

Rett propõe que um bom teste para determinar se um adjetivo é de fato um adjetivo de grau consiste em verificar se ele pode ser intensificado; adjetivos que podem ser intensificados são tidos como adjetivos de grau (Brasoveanu e Rett, 2017, p. 8).

Vejamos o exemplo dos adjetivos *alto* e *japonês*.

- (4) a. João é muito alto.  
b. \*??João é muito japonês.

Como se pode ver em (4)a, o adjetivo *alto* pode ser intensificado; já o adjetivo *japonês* não parece ser um bom candidato para intensificação, salvo em contextos bem específicos. Segundo a proposta de Rett, o adjetivo *alto* deve ser considerado um adjetivo de grau, enquanto há dúvidas quanto ao adjetivo *japonês*. Passo a assumir com Rett que se trata de teste por meio do qual se obtêm resultados bastante relevantes.

Ainda segundo por Brasoveanu e Rett (2017), é possível empregar um teste denominado ‘*definite description*’ (que vou traduzir livremente neste trabalho por teste de descrição definida) para diferenciar adjetivos de grau relativo de adjetivos de grau A. A autora propõe a seguinte situação como exemplo:

Ex:

Em um contexto em que há vários copos na mesa, todos de diferentes tamanhos, uma descrição que usa um adjetivo relativo (*tall*), como em (5)a a seguir, seleciona o objeto que tem a propriedade do adjetivo em grau mais alto (*the tallest one*), não importando se o objeto em questão conta como alto (*tall*) no contexto.

Em contraste, uma descrição formada por um adjetivo absoluto (*empty*), como em (5.b), tem um referente apenas em um contexto em que o copo esteja de fato vazio. Em um contexto em que haja copos com diferentes níveis de líquido, mas nenhum em nível 0 (ou seja, vazio), (5.b) não tem referente. Vejamos:

- (5) a. Pass me the tall one.  
b. Pass me the empty one.

(BRASOVEANU e RETT, 2017, p.8)

A explicação para a diferença de resultado desse teste é que adjetivos relativos invocam *standards* dependentes de contexto, e adjetivos absolutos não fazem o mesmo. Conhecer a distinção entre esses adjetivos nos parece aqui essencial para analisarmos as

exclamativas curtas no PB, já que entendemos que elas representam uma projeção DegP que domina um AP.

### 1.1 A QUESTÃO DOS ADJETIVOS DE GRAU E AS EXCLAMATIVAS CURTAS NO PB: AVALIANDO SUDRÉ (2020)

Com essas distinções feitas entre esses diferentes tipos de adjetivos, vamos analisar a proposta de Sudré (2020) sobre os adjetivos e as exclamativas curtas que são constituídas de duas palavras, no Português Brasileiro. A autora se debruça sobre o tipo de dado a seguir:

- (6) a. Que antigo (esse casaco)!
- b. Que sujo (esse talher)!
- c. #Que fechada essa porta!
- d. # Que nacional essa bandeira!

(SUDRÉ 2020, p. 53)

A autora argumenta que os adjetivos que podem ser licenciados em exclamativas curtas são os adjetivos de grau (AGs) (6.a) e (6.b) em contraste com adjetivos sem grau (6)c e d. Ser de grau, portanto, segundo a autora, é essencial para que o adjetivo ocupe ambientes exclamativos. Em especial, os adjetivos de grau relativo (AGRs) (6.b) são os mais bem equipados para aparecerem em exclamativas curtas. Adjetivos de grau máximo (6.c) não seriam os mais adequados para o contexto expressivo.

A autora entende que os AGRs são a classe de adjetivos mais adequada à expressividade por poderem estabelecer uma comparação de superioridade, ou seja, dizer que alguém é *alto* implica dizer que ele é alto em um grau que supere o parâmetro que está sendo considerado no contexto em questão (SUDRÉ, 2020 p.58). Com essa abordagem, a autora adota a ideia de um operador de expressividade/ avaliatividade nulo

de Rett (2008), o EVAL, o qual opera sobre um conjunto de graus e forma, dentro deles, um subconjunto cujas propriedades ultrapassem determinado padrão.

O fato de adjetivos de grau serem mais adequados que adjetivos sem grau para preencherem ambientes linguísticos expressivos se deve à possibilidade de serem combinados ao EVAL, segundo Brasoveanu e Rett (2017). Na seção a seguir, descrevo o experimento de Sudré para testar suas hipóteses e discuto a questão da expressividade nas exclamativas curtas do PB.

### 1.1.1 A QUESTÃO DE EXPRESSIVIDADE EM PORTUGUÊS

Sudré (2020) adaptou um experimento feito para o inglês, com a intenção de investigar se a expressividade no português brasileiro estaria vinculada, assim como no inglês, ao tipo de adjetivo empregado. Os tipos de adjetivos avaliados foram: adjetivos de grau *vs* adjetivos sem grau, adjetivos de grau relativo *vs* adjetivos de grau absoluto (AG máximo, AG mínimo). Os tipos de adjetivo analisados aparecem em (7) a seguir:

- (7) a. mamífero – Adjetivo sem grau
- b. novo – Adjetivo de grau relativo
- c. sujo – Adjetivo absoluto de grau mínimo
- d. limpo – Adjetivo absoluto de grau máximo

Dois experimentos foram realizados: um de julgamento de felicidade, que consistia na avaliação pelo falante da naturalidade de uma sentença enunciada em determinado contexto, e um experimento de produção, que consistia na criação, pelos participantes, de frases que se adequassem ao contexto apresentado.

A previsão da autora era a de que somente os adjetivos de grau relativo (como o adjetivo *alto*) ou os absolutos de grau mínimo (como *sujo*) poderiam ser aceitos e produzidos em um ambiente sintático expressivo (com a constituição Que (x)), pois a proposta é a de que o adjetivo expressivo ultrapassa um parâmetro contextual, o que é compatível com a semântica dos adjetivos de grau relativo. Os adjetivos de grau mínimo, cuja semântica permite vários valores de comparação acima do grau estabelecido, também seriam adequados para exclamação.

Para a aplicação do experimento de felicidade, foram elaboradas duas tarefas. Nessas tarefas, havia dois exemplos de exclamativas curtas, que continham materiais lexicais diferentes. Havia dois exemplos com adjetivos sem grau, dois com grau relativo, dois com grau máximo, dois com grau mínimo e, por fim, dois com nomes. O experimento teve um total de 20 itens manipulados, distribuídos 10 em cada lista, obtendo um somatório de 450 respostas para serem analisadas. Entre os 45 participantes, 23 fizeram a primeira lista e 22 fizeram a segunda (SUDRÉ, 2020. p. 67).

Para avaliação dos dados, empregou-se a escala likert, que consiste, nesse contexto, em uma gradação de aceitabilidade, em que o extremo positivo é “Totalmente natural” e o extremo negativo “Impossível de ser produzido”; ~~Ela~~ essa escala foi usada no experimento para marcar a naturalidade dos adjetivos nos contextos expressivos apresentados aos falantes. Abaixo está um exemplo da tarefa utilizada no experimento:

Alessandro abriu seu armário e encontrou um casaco muito velho que ganhou da sua avó há muito tempo. Surpreso pelo fato de o casaco ainda estar guardado, comenta sobre ele: - **Que antigo!**

( )	( )	( )	( )	( )
Completamente natural	Bastante natural	Natural no limite	Pouco natural	Impossível alguém dizer isso

(SUDRÉ, 2020. p. 69)

Em relação à tarefa do experimento de produção espontânea, foram dados ao participante contextos nos quais ele precisava preencher com apenas uma palavra o núcleo de uma exclamativa curta encabeçada pela partícula ‘que’ (Que \_\_!); essa exclamativa curta era uma representação da reação de um personagem à situação descrita na tarefa. O participante foi instruído a completar a lacuna com uma só palavra, que fosse adequada ao contexto. Os cenários foram criados com o intuito de tornar favorável a produção de uma das variáveis independentes (adjetivo sem grau, de grau relativo, absoluto de grau mínimo e absoluto de grau máximo e os nomes). Apesar de os contextos favorecerem a produção das diferentes variáveis, os informantes não tinham ciência do objeto de estudo da autora, estando, desta forma, livres para preencherem a lacuna com a palavra que julgassem mais apropriada (SUDRÉ, 2020. p. 69).

Os resultados do experimento de felicidade confirmam a hipótese da autora. Os adjetivos de grau foram bem mais aceitos (63,70%) que os adjetivos sem grau (25,55%). Os substantivos também tiveram grande aceitação (96,66%), como era esperado por Sudré. Dentro dos subtipos de adjetivos de grau, os adjetivos de grau relativo tiveram o melhor percentual de aceitação (80%), os de grau mínimo tiveram 53,33% e os de grau máximo tiveram 57,77%. Abaixo estão as tabelas com os valores:

Tabela 2: Tabela consolidada dos julgamentos dos adjetivos e nomes

	Bom/ excelente	Estranho/ inaceitável	Percentual de julgamentos de bom ou excelente
Adjetivos com grau	172	98	63,70%
Adjetivo sem grau	23	67	25,55%
Nomes (distratores)	87	3	96,66%

Tabela 3: Tabela consolidada dos julgamentos dos adjetivos de grau (universo de 90 questões por variável independente respondidas)<sup>12</sup>

	Bom/ excelente	Estranho/ inaceitável	Percentual de julgamentos de bom ou excelente
Adjetivo relativo	72	18	80%
Adjetivo de grau máximo	52	38	57,77%
Adjetivo de grau mínimo	48	42	53,33%
Total de adjetivos com grau	172	98	63,70%

(SUDRÉ, 2020. p. 70)



Com relação ao teste de produção espontânea, o maior número de produções usou o substantivo (51,11%). Todas as produções de adjetivos foram realizadas com adjetivos de grau (21%). A maior porcentagem de produção dentro dos AGs foi de relativos (25,55%). Os AGs absolutos de grau mínimo tiveram 5,55% e os de grau máximo 1,11%. Abaixo está a tabela:

Tabela 4: Teste de Produção espontânea

Tipo de elemento único em ‘Que x!’	Itens produzidos	Percentual
Nome: (‘Que bagunça!’)	46	51,11%
Grau máximo: (‘Que completo!’)	1	1,11%
Grau mínimo: (‘Que amassado!’)	5	5,55%
Relativo: (‘Que bom!’)	23	25,55%
Sem grau: (‘Que plástico!’)	Zero	0%
Outros casos (sentença aumentada, superlativo): (‘Que coisa feia!’)	15	16,66%

(SUDRÉ, 2020, p. 71)

Ao verificar os dados estatísticos do experimento de felicidade (vide Sudré 2020 para uma discussão mais detalhada do experimento), constatou-se que, quanto aos AGRs, não houve diferença estatística relevante entre os adjetivos de grau relativo e absoluto. Em relação aos AGRs e os Adjetivos de grau mínimo e de grau máximo, apenas entre os AGRs e os Amin houve diferença estatística relevante.

Sobre os AGRs e os Amin/Amax, só houve relevância estatística entre os AGRs e os de grau mínimo, o que era esperado pela autora.

Com relação à análise estatística do experimento de produção, não houve diferença relevante entre os AGs relativos e de grau máximo, nem entre os AGs máximos e mínimos. Obteve-se diferença estatisticamente relevante entre os AGs relativos e os de

grau mínimo e entre os AGs relativos e de grau absoluto (considerando ambos Amin e Amax).

Em relação aos AGRs e os subtipos dos de grau absoluto, só houve diferença estatística relevante entre os de grau mínimo. O fato de nenhum adjetivo sem grau ter sido produzido é bem interessante para a proposta da dissertação da autora, pois corrobora sua hipótese de que ser de grau é essencial para que um adjetivo possa aparecer em frases exclamativas.

A autora conclui que, para que adjetivos sejam aceitos em ambientes expressivos (em nosso caso aqui, a exclamação), eles precisam ter grau e, além disso, eles precisam permitir que o grau concedido ao argumento nominal ultrapasse um determinado padrão (SUDRÉ, 2020, p. 82). A autora também confirma sua hipótese de que os adjetivos de grau relativo são mais adequados a contextos expressivos.

Vou assumir parcialmente a proposta de Sudré, nomeadamente no que concerne ao fato de que ser de grau é condição essencial para que um adjetivo possa aparecer em ambientes expressivos. Além disso, também vou assumir que está correta a generalização da autora quanto ao dizer que os AGRs são os mais adequados para tais ambientes; tais ideias vão ao encontro dos dados que ponho em análise nesta dissertação.

Na próxima subseção, vou expandir a ideia que se encontra no trabalho de Sudré para dar conta de dados que mostram adjetivos sem grau em contextos exclamativos, especificamente quando estes são acrescidos de morfologia de grau máximo. Para tal, apoiar-me-ei na ideia de avaliatividade e na noção da presença de um morfema de EVAL. nulo.

## 2 O MORFEMA EVAL E O SUPERLATIVO EM EXCLAMATIVAS NÃO SENTENCIAIS

No capítulo 2, argumentei que o morfema de grau aumentativo possibilita que a força exclamativa seja ativada em frases não sentenciais. Repito os dados abaixo:

- (8) a. Que carro lindo!
- b. Que carro!
- c. Carrão!

Demonstrei que a gramaticalidade de (8.c) se dá pela ativação do DegMaxP2, mas existe outra morfologia de grau que precisa ser explorada: o superlativo. Essa é mais restrita que o aumentativo, podendo apenas ser ‘fundida’ com adjetivos. Argumentarei nesta seção que o superlativo tem o poder de licenciar adjetivos sem grau em contextos expressivos, como é possível ver em (9) a seguir, e que tanto o superlativo quanto o aumentativo (chamarei a classificação dessas duas morfologias de ‘morfologia de grau máximo’) possuem em si o morfema EVAL, que assumirei como sendo essencial para a semântica das exclamativas. Sejam os dados:

- (9) a. \*Japonês esse restaurante!
- b. Japonessíssimo esse restaurante!

Passo então à explicação da avaliatividade e do morfema EVAL a partir da análise de Rett.

Rett (2008) argumenta que é necessário postular um morfema fonologicamente nulo, que se combina à forma positiva do adjetivo de grau e está em distribuição complementar com os morfemas superlativo e o comparativo, para dar conta da expressividade nos dados das línguas, semelhantemente ao que haviam feito anteriormente, Kennedy e McNally (2005), que também postulavam um morfema POS para predicados graduáveis; porém a autora mostra em sua argumentação que existem dados que contêm semântica de avaliatividade, os quais não são contemplados pela análise dos autores para explicar a semântica de construções positivas do tipo de (10) abaixo:

- (10) a. João é alto.  
b. João é um corredor alto.

As duas construções acima são ‘avaliativas’ (*Evaluatives*). Isso quer dizer que ambas as frases fazem referência a um grau de uma propriedade que excede um padrão contextual. Para que as frases sejam verdadeiras, não basta que João seja alto em qualquer grau  $x$ ; ele precisa ser alto em um grau que exceda um padrão contextual. Essa informação precisa ser codificada de alguma forma na sentença, esse é o papel do EVAL.

Se João tiver 1,80 M de altura e o padrão contextual que está sendo considerado é de 1.70 M de altura, então o EVAL selecionará o *subset* de graus de altura que estejam acima desse padrão (1,71; 1,72;1,73;1,74 ...).

A noção de Avaliatividade e do EVAL são muito importantes para a análise que faço nesta dissertação, pois, como veremos a seguir, frases exclamativas precisam necessariamente de uma interpretação ‘avaliativa’, assim como são dependentes de uma semântica de grau.

## 2.1 A AVALIATIVIDADE NAS EXCLAMATIVAS-WH

Rett (2008) argumenta que existem restrições semânticas em sentenças exclamativas (11), mas não em exclamações (12). Vejamos a diferença entre esses dois tipos de frase:

- (11) Que linda a sua casa!
- (12) A casa da Maria é linda!

O dado (11) é uma exclamativa- wh, iniciada pela partícula ‘que’. A segunda é uma exclamação proposicional, que difere de uma afirmação pela prosódia com que a frase é enunciada. A primeira restrição que a autora propõe para as frases do tipo de (11) é a ‘Restrição de Grau’. O que isso quer dizer é que exclamativas-wh necessariamente devem ter uma leitura de grau, enquanto exclamações não possuem essa restrição. Vejamos as situações que a autora aventa para ilustrar esse ponto:

### A - RESTRIÇÃO DE GRAU

#### ➤ Situação1

Benny é um americano, logo um indivíduo pode assumir que ele fala apenas o inglês, mas, na verdade, Benny fala 11 línguas. Impressionado, o indivíduo pode enunciar tanto (13.a) quanto (13.b).

- (13) a. (Wow) Benny speaks eleven languages!  
b. (My) What languages Benny speaks!

(RETT, 2008, p. 147)

As duas frases estão expressando surpresa pela quantidade de línguas que Benny fala. Por essa razão, Rett chama essa leitura de “leitura de quantidade”. Vejamos a próxima situação:

➤ Situação 2

Benny é um linguista que estuda línguas latinas, logo um indivíduo pode supor que ele fale apenas línguas dessa família linguística. Porém, esse indivíduo descobre que Benny fala línguas de várias famílias linguísticas pouco conhecidas. Nesse caso, tanto (14.a) quanto (14.b) podem ser enunciadas.

- (14) a. Wow, Benny speaks exotic languages!  
b. What languages Benny speaks!

(RETT, 2008, p. 148)

Ambas as frases acima estão expressando surpresa pelo ‘grau’ de exotividade das línguas que Benny fala. Por conta disso, a autora chamará essa leitura de “leitura graduável”. É importante notar que, tanto a leitura de quantidade, quanto a leitura graduável têm a ver com a noção de grau. A primeira tem como escala o número de línguas que Benny fala, e a segunda tem como escala a qualidade de exotividade das línguas que

Benny fala. O terceiro cenário a seguir mostra a diferença de aceitabilidade entre uma exclamação e uma exclamativa.

➤ Situação 3

Um indivíduo sabe que Benny fala duas línguas. Como sua mãe é suíça, ele acredita que Benny fala italiano e francês, mas, na verdade, ele fala português e romeno. Vejamos como os enunciados abaixo diferem:

- (15) a. Benny Speaks Portuguese and Romanian!  
b. #What languages Benny Speaks!

Essa leitura, a autora vai chamar de ‘leitura individual’. Ela não expressa uma interpretação de grau, mas sim uma interpretação dos ‘indivíduos’; nesse caso, as línguas. Em outras palavras, uma exclamação pode expressar surpresa pelo fato de Benny falar Português e Romeno em vez de francês e italiano, mas esse tipo de leitura não está disponível para uma exclamativa-wh.

Vamos analisar a segunda restrição semântica que – segundo Rett – exclamativas Wh possuem.

## **B - RESTRIÇÃO DE AVALIATIVIDADE**

Além de uma exclamativa dever expressar surpresa pelo alto grau de uma determinada propriedade para ser enunciada corretamente, Rett argumenta que ela também precisa ser avaliativa (*Evaluative*). Isso quer dizer que o grau da propriedade a que a exclamativa se refere deve necessariamente exceder um padrão contextual. Vejamos as situações que Rett apresenta para construir sua argumentação:

➤ Situação 4

Uma mulher vai visitar pela primeira o apartamento de sua amiga, Brooks. Ela acredita que o apartamento da amiga tem 3000ft<sup>2</sup>, ao chegar no local, ela constata que, na verdade, o apartamento tem 1000ft<sup>2</sup>. Entretanto, a média de tamanho de apartamentos no bairro de Brooks é 500ft<sup>2</sup>. Nesse caso, a frase abaixo não seria apropriada para o contexto de enunciação.

(16) #Brooks, how small your apartment is!

Dizemos que (16) não é apropriada porque, para o cenário em questão, o apartamento de Brooks não pode ser considerado pequeno. Em outras palavras, a frase carece de avaliatividade, ou seja, a propriedade em questão (*small*) não ultrapassa o padrão contextual da frase (considere-se que o apartamento de Brooks, mesmo sendo menor que o esperado, ultrapassa a média de apartamentos da região). O que isso quer dizer é que o morfema EVAL deve necessariamente estar presente em uma frase exclamativa para dar conta da semântica de avaliatividade.

É importante notar que a hipótese de que as exclamativas são necessariamente avaliativas prevê que não é possível exclamar quando um predicado que denota comparação de igualdade integra a sentença. Necessariamente, deve haver uma relação de superioridade em relação a um padrão contextual. Vejamos esse ponto ilustrado abaixo:

- (17) a. Tão lindo o João!  
b. \*Tão lindo quanto o Pedro o João!



Em (17.a), a semântica de avaliatividade é satisfeita. Há um nível de “lindeza” que o indivíduo ‘João’ supera. Já em (17.b), tal semântica não está disponível, pois há uma relação de comparação de igualdade, não havendo uma superação de um padrão contextual e, como consequência, não é possível que a frase exclame.

## 2.2 O AUMENTATIVO E O DIMINUTIVO EM NOMES E O TRAÇO EVAL

É importante notar que os exemplos que Rett aventa acima são usados em exclamativas sentenciais. Passo a assumir que as mesmas restrições semânticas, a de grau e a de avaliatividade, também regem as exclamativas-wh não sentenciais. Para dar uma explicação semântica para a gramaticalidade de frases com nomes acrescidos de morfema aumentativo, vou utilizar a noção de um traço EVAL. Vejamos os dados abaixo:

- (18)
- a. Que carro grande!
  - b. Que carrão!
  - c. \*Que carro alemão!
  - d. Que carro!
  - e. Carrão essa Ferrari!
  - f. \*Carrinho essa Ferrari!

A diferença de gramaticalidade entre (18.a) e (18.c), do ponto de vista semântico, se deve ao fato de, na segunda, o adjetivo *alemão* não permitir uma leitura de grau, não gerando, portanto, uma leitura avaliativa. Não há gradações de ‘alemãozidade’ (se é que se pode usar esse termo), pois, não há um *subset* de graus disponível para EVAL. Já em (18.a), essas interpretações estão disponíveis, o que permite a força exclamativa da frase. Em (18.d), apesar de não haver um adjetivo, ainda assim, deve existir uma propriedade

saliente no contexto, de tal modo que se exceda o padrão contextual. Desse modo, o EVAL deve necessariamente estar presente na frase.

O que proponho para a diferença de gramaticalidade entre (18.a) e (18.f) é que a primeira consegue produzir a semântica de avaliatividade, enquanto a segunda não. Assim como (18.b), (18.d) possui uma qualidade saliente no contexto, que excede um padrão, e esse tipo de interpretação só é possível pela presença do morfema de aumentativo. Em outras palavras, assim como o EVAL está presente em frases com adjetivos de grau como *grande*, mas não em adjetivos sem grau como *alemão*, ele também está presente em frases com nomes no aumentativo, mas não no diminutivo.

Para ilustrar esse ponto, vamos considerar que a propriedade que está sendo denotada em (17.d) e (17.e) é o tamanho do carro. No primeiro dado, o aumentativo é capaz de oferecer ao EVAL um *set* de tamanhos e um *subset* desses tamanhos que excedam um padrão contextual. No segundo dado, o diminutivo não consegue oferecer um *subset* de tamanhos pequenos que excedam tal padrão. Desta forma, (17.f) não é avaliativa, o que fere a restrição semântica de avaliatividade.

Note-se que, apesar de a morfologia de grau estar associada em sua semântica original à noção de dimensão física, não ocorre que esta seja sempre a semântica em questão quando um nome é acrescido desse tipo de morfema. (17.d) pode, por exemplo, ter como escala a potência do carro ou o *status* que ele possui.

Outro ponto digno de nota é o fato de existir um contraste semântico na noção de apreço entre o aumentativo e o diminutivo. Este parece estar ligado usualmente a um sentido depreciativo em relação ao termo a que é acrescido, enquanto aquele parece estar usualmente ligado a um sentido apreciativo conferido ao nome a que é acrescido. Podemos considerar um contexto em que dois homens descobrem que foram tratados pelo mesmo médico e dialogam entre si:

- (19) A: Fui ao doutor Marcos ontem. Que desperdício de tempo!  
B: É um doutorzinho esse aí, nunca mais vou me consultar com ele.

Podemos pensar em um contexto análogo de apreço:

- (20) A: Fui ao Doutor Marcos ontem. Ótimo profissional.  
B: Um doutorzão ele! Queria que mais médicos fossem assim.

Ao que tudo indica, essa noção de apreciação / depreciação invocada pelos morfemas de grau não tem ligação com a força exclamativa. Uma implicação, porém, desse fato é que, quando houver uma frase exclamativa com morfema aumentativo sem um adjetivo, a propriedade em questão tenderá a ser positiva. O mesmo parece acontecer com exclamativas que têm um intensificador ou a partícula ‘que’:

- (21) a. Que carro essa Ferrari!  
b. Muito carro essa Ferrai!

A qualidade em questão dos dados em (21) também invocam a ideia de apreço, o que parece sugerir que essa é uma tendência de frases exclamativas que não possuem um adjetivo.

### 2.3 A QUESTÃO DOS NOMES EXPRESSIVOS

A língua portuguesa apresenta uma série de nomes que conseguem ativar a força exclamativa sem que haja na estrutura um adjetivo ou uma interação com a morfologia de grau aumentativo. Vejamos abaixo:

- (22) a. Maravilha!  
b. Droga!  
c. Porra!

Em uma primeira análise, não deveria ser possível que esses nomes exclaimssem. O que, então, estaria ocorrendo aqui? É interessante observar que esse tipo de termo pode servir como um predicado para um outro elemento sintático, como é possível verificar em (23):

- (23) a. Maravilha esse tempo!  
b. Droga de aula!  
c. Porra de imposto!

Essa característica não é compartilhada pela maioria dos outros nomes, que não conseguem aparecer em contextos exclamativos, vejamos:

- (24) a. \*Carro esse veículo!  
b. \*Cadeira aquele móvel!

O que parece estar ocorrendo é que esses nomes são naturalmente avaliativos (por serem altamente expressivos). Em outras palavras, assim como adjetivos, esses termos conseguem atribuir uma característica a um dado indivíduo e de tal modo que é possível ultrapassar em grau um padrão contextual estabelecido. Dizendo de outro modo: esses nomes conseguem exclamar pelo mesmo mecanismo semântico que os adjetivos o fazem.

#### **2.4 O EFEITO DA MORFOLOGIA DE SUPERLATIVO EM ADJETIVOS SEM GRAU EM AMBIENTES EXPRESSIVOS**

O morfema de superlativo pode proporcionar evidência para a hipótese de que o EVAL estaria presente na morfologia de grau máximo (aumentativo e superlativo). Consideremos os seguintes dados:

- (25)
- a. \*Que japonês!
  - b. \*Que nacional!
  - c. \*Japonês esse restaurante!
  - d. \*Nacional esse quadro!

- (26)
- a. Que grande!
  - b. Que lindo!
  - c. Grande esse restaurante!
  - d. Lindo esse quadro!

Como podemos ver em (25), conforme as conclusões de Sudré (2020), todos os dados em (26) são agramaticais ou pouco aceitáveis, pois os adjetivos *japonês* e *nacional* são adjetivos sem grau e, portanto, não podem aparecer em exclamativas curtas; e os dados em (26) são gramaticais, pois os adjetivos *grande* e *lindo* são adjetivos de grau; eles são, pois, adequados ao contexto das exclamativas curtas. Porém, caso os adjetivos dos dados (25.c) e (25.d) sejam acrescidos de morfema superlativo, as frases resultantes são (como já demonstrei anteriormente) gramaticais.

Consideremos, então, um contexto em que João, um brasileiro, morou no Japão por dois anos. Ele conhece, portanto, a cultura e a gastronomia japonesas. Digamos que João esteja no Brasil e que ele vá a um restaurante japonês; esse restaurante, ele nota, é muito mais fiel à estética e ao sabor dos restaurantes japoneses que visitou no Japão do que os demais restaurantes desse tipo, que ele visitou no Brasil. Nesse contexto, parece adequado e gramatical que João enuncie (27).

(27) Japonessíssimo esse restaurante!

Para (25.d), podemos considerar um contexto em que Paulo esteja em uma galeria de arte e um dos quadros chama a sua atenção. É um quadro com figuras históricas do Brasil em uma posição engrandecida e, atrás deles, uma grande bandeira do Brasil. O quadro claramente tinha como objetivo enaltecer a nação brasileira e despertar um sentimento patriótico no espectador. Paulo, então, pode enunciar (28):

(28) Nacionalíssimo esse quadro!

Se o morfema de superlativo permite que a exclamativa se torne aceitável, devemos assumir que a frase é avaliativa (*Evaluative*) e, portanto, pode-se associar o traço EVAL em sua derivação. Esses fatos corroboram a hipótese de que o traço EVAL pode estar presente em projeções de grau máximo no Português Brasileiro<sup>33</sup>.

Pinheiro (no prelo) já observou um fenômeno similar com aumentativos e propôs uma análise diferente, vejamos:

- (29) a. \*Quadrado esse pote!  
b. Quadrado esse pote!

Na argumentação da autora, faz-se a distinção entre a leitura intersectiva e subsectiva que os adjetivos provocam.

A leitura intersectiva é aquela que denota uma intersecção entre duas classes: a do objeto denotado pelo nome e a do objeto denotado pelo adjetivo. Um exemplo de adjetivo intersectivo seria *grande* em “carro grande”. Há uma operação de intersecção entre o conjunto de todos os carros e o conjunto de todas as coisas grandes.

A leitura subsectiva, por sua vez, é aquela que denota uma operação de subconjunto. Assim, em “carro grande”, *grande* é um adjetivo subsectivo, ou seja, há uma operação nesse sintagma que procuraria, dentro do conjunto de carros, o subconjunto daqueles que seriam grandes.

Segundo Pinheiro, os adjetivos subsectivos são mais adequados no contexto exclamativo que os intersectivos. A autora justifica essa conclusão argumentando que

---

<sup>33</sup> Por ora, vou deixar em aberto a formalização da materialização do traço EVAL, se apenas um traço ou se um morfema, como um afixo. Sou levado a pensar neste trabalho que a morfologia de aumentativo talvez seja uma das formas de materialização desse traço, mas esta é uma questão que carece de mais evidências para sua formulação absoluta. Deixo essa questão em aberto para investigações futuras.

adjetivos subsectivos teriam o traço FACT, enquanto adjetivos ambíguos viriam subsepeficados para esse traço. No caso de (19), o que acontece, segundo a autora, é que o morfema de grau, assim como intensificadores como “muito”, teria o traço FACT, que seria checado em FocusP, o que licenciaria a exclamativa. A modificação de grau seria, para a autora, explicada por ser um recurso para que todo o sintagma ganhasse leitura subsectiva (PINHEIRO, no prelo, p. 14, 15).

A análise da autora assume, assim como Sibaldo (2016), que existe um CP na estrutura das exclamativas em questão. Já argumentei no capítulo 2 contra essa ideia. Além disso, sigo aqui a proposta de Rett (2008) e a de Castroviejo (2006) de que a caracterização de Factividade não é apropriada para a análise de exclamativas. Portanto, julgo que a análise que propõe a noção de avaliatividade e o EVAL é a mais adequada para descrever as propriedades das exclamativas-Wh não sentenciais.

Além disso, essa proposta prevê a checagem de um traço FACT e de um traço de Foc conjuntamente numa mesma projeção, a saber, FocusP. Tal situação violaria o princípio *One Feature, One Head* (KAYNE, 2005), segundo o qual um núcleo só pode ter associado a si um único traço. Nesses termos, não vou assumir totalmente a hipótese de Pinheiro (no prelo), para a análise que desenvolvo nesta dissertação. A conclusão natural, nesses termos, é a de que não seria o traço FACT, checado em FocusP, que licenciaria a força exclamativa, mas, sim, a noção de avaliatividade que o morfema de aumentativo carrega.

### 3 OS ADJETIVOS DE GRAU ABSOLUTO

A minha análise até aqui ainda não respondeu à questão de por qual razão os adjetivos de grau absoluto não conseguem exclamar. Afinal, esses adjetivos seriam igualmente dominados por uma projeção Deg em sua estrutura, e a proposta que aqui construo prevê que os adjetivos dominados por uma projeção de grau seriam passíveis de licenciar a força exclamativa. Vejamos os dados em (30):



- (30) a. # fechada essa porta!  
b. # aberta essa porta!  
c. # vazio esse pote!

A diferença de capacidade exclamativa entre os adjetivos de grau absoluto e os de grau relativo, nesse caso, deve-se ao tipo de escala que está associada a cada um deles. Em AGRs, a escala é aberta, em outras palavras, não há um ponto máximo no qual a escala se fecha. Um adjetivo como alto não tem como ponto máximo uma altura X, seja ela 1,80 m, 2,0 m ou qualquer outra. Já AGs absolutos têm um ponto fixo no qual a escala se fecha. Um adjetivo como “Fechado” tem como fim de sua escala 0<sup>0</sup> de abertura, não sendo possível algo estar mais fechado que isso.

Para explicar de outro modo, a relação que os AGs absolutos geram é uma de comparação de igualdade, enquanto a que os AGRs geram é a de superioridade. Tal relação de igualdade é incompatível com a semântica de avaliatividade. Deste modo, o EVAL estaria mais associado aos AGRs, já que o padrão contextual necessário para essa semântica pode se adaptar a uma escala aberta, pois nela não há um ponto máximo ou mínimo fixado. Já quanto a AGs Absolutos, considerando que – nesses casos – temos uma escala fechada, a semântica de avaliatividade não está disponível, pois a superação de um padrão contextual não é possível em tais situações.

É importante notar que AGs absolutos, assim como AGRs, passam a conseguir força exclamativa quando acrescidos de morfologia de superlativo:

- (31) a. Fechadíssima essa porta!  
b. Abertíssima essa porta!  
c. Vaziíssimo esse pote!

Uma explicação para esse fenômeno seria o fato de que esses tipos de adjetivos entram na derivação subespecificados para o traço avaliativo. Assim, seguindo Rizzi (1997), quando este propõe que projeções de periferia, como a projeção de DegMaxP2, só são ativadas quando um

traço compatível com ela entra da derivação, podemos dizer que, no caso dos dados em (30), o que explica a sua agramaticalidade é a falta do traço de avaliatividade (EVAL), que tem como consequência a não ativação do DegMaxP2. O que explicaria a gramaticalidade de (31) é que o superlativo possui esse traço.

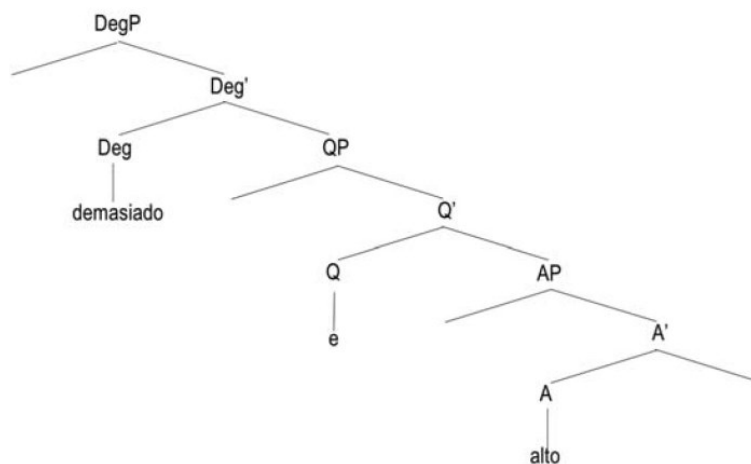
#### 4 UMA ANÁLISE ALTERNATIVA

Podemos pensar em uma estrutura diferente para as exclamativas não sentenciais usando como base o trabalho de Martinho (2007), no qual o autor, apoiado em Corver (1997, 1997b) e Bresnan (1993), propõe que frases do tipo de (32.a) tem uma estrutura que consiste em um DegP que domina um QP e este, por sua vez, domina um AP, e que frases do tipo de (32.b) apresentam apenas um QP dominando um AP.

- (32) a. demasiado alto  
b. menos alto

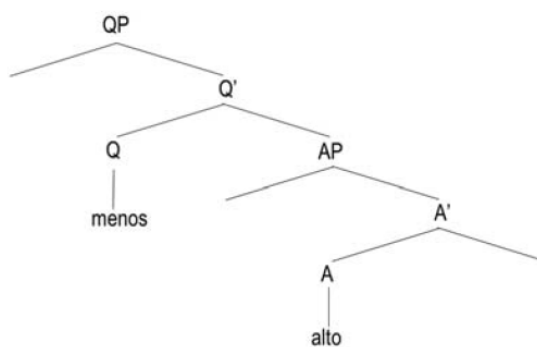
Vejamos abaixo as estruturas das frases acima em (33.a) e (33.b) respectivamente.

(33) a.



(MARTINHO, 2007, p. 305)

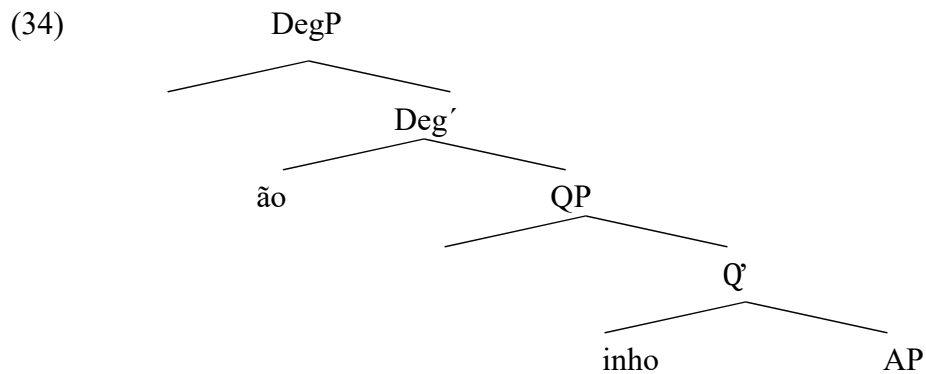
b.



(MARTINHO, 2007, p. 305)

Avaliando que o diminutivo possui uma semântica equivalente a ‘menos que’, uma comparativa de inferioridade, e que o aumentativo teria uma semântica equivalente ao demasiado, algo que exceda um padrão convencionalizado, podemos pensar que o

aumentativo se encontra em DegP e que o diminutivo se encontra em QP, como se pode ver em (34).



Desse modo, a palavra que se deslocasse para o núcleo do Deg conseguiria adquirir a semântica de avaliatividade necessária à exclamação (compatível com a presença de um traço EVAL); o mesmo não se daria com o termo que se deslocasse para o núcleo de Q.

O que essa análise falha em prever, porém, é a existência de palavras que possuem o diminutivo mais alto que o aumentativo (35.a) ou palavras que contenham duas marcas de aumentativo (35.b,c).

- (35)
- a. Carrãozinho
  - b. Carrãozão
  - c. Carrãozaço

Assim sendo, parece mais razoável sustentar a hipótese de uma projeção Deg mais alta que seja capaz de ativar a ilocução exclamativa e de uma ou mais camadas Deg mais baixas em que isso não seja viável.

## 5 REVISÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, propus-me a analisar as questões de ordem semântica das exclamativas-wh não sentenciais do português Brasileiro. Avaliei a proposta de Sudré (2020) sobre o papel dos diferentes tipos de adjetivos em exclamativas curtas. Aceitei parcialmente as ideias da autora, nomeadamente adotei a conclusão de que ser de grau é essencial para que um adjetivo nu (sem morfologia de grau) possa aparecer em contextos expressivos.

Identifiquei, porém, um tipo de situação em que adjetivos sem grau podem aparecer em frases exclamativas: quando eles são acrescidos de morfologia de superlativo. Contrastando esta morfologia com a de diminutivo, propus que existe um paralelo entre os dois morfemas e os adjetivos de grau e sem grau. Mais especificamente, procurei demonstrar que assim como adjetivos de grau possuem a semântica de avaliatividade, o morfema de superlativo também permitiria uma leitura avaliativa, possuindo, assim, o morfema EVAL em si. Tal leitura não está disponível para adjetivos sem grau nus e para o morfema de diminutivo.

Demonstrei, ainda, que na ausência de um adjetivo em uma frase exclamativa, como em *Que carro!*, *Carrão!*, a propriedade que estará sendo considerada deverá ser apreciativa e positiva, o que aponta para um viés positivo da enunciação de exclamativas<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> Há algumas exceções para tal viés, mas eles parecem ser restritos a palavrões e a um número limitado de palavras expressivas, como 'que papelão!', 'que situação!'. Deixo em aberto essa questão para pesquisas futuras.

Por fim, para unificar as análises semântica e sintática, demonstrei que nomes e adjetivos sem grau devem subir para DegMaxP2 para valorar o traço afixal do morfema de grau máximo que reside no núcleo dessa projeção. Ao serem fundidos, esses termos também ganham o morfema EVAL que está junto ao morfema de grau máximo, ganhando então semântica de avaliatividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

No primeiro capítulo desta dissertação, avaliei o fenômeno que chamei de exclamativas-Wh não sentenciais do Português Brasileiro. Foquei nos dados em que há uma partícula ‘que’ seguida de adjetivo e substantivo (em ordem variada), dados com uma partícula ‘que’ seguida de apenas um adjetivo ou um substantivo, ou uma frase composta de apenas um adjetivo. Identifiquei um ponto relevante neste último caso ao contrastá-lo com a agramaticalidade de uma exclamativa composta apenas por um substantivo.

Além disso, apresentei outro ponto interessante ao notar que um morfema de grau é o suficiente para fazer com que um substantivo possa aparecer sozinho em uma exclamativa, mas apenas o morfema de grau aumentativo possui tais condições, não sendo possível exclamar com substantivos acrescidos de morfema de grau diminutivo. Notei ainda, que nem todo adjetivo pode ser usado para licenciar a força exclamativa; avaliei, baseando-me no trabalho de Sudré (2020) qual é o tipo de adjetivo adequado para tal licenciamento, que é o adjetivo de grau, sendo mais apropriado o de grau relativo.

Formulei, então, as perguntas e os objetivos sobre os quais me debrucei ao longo desta dissertação, que estão envolvidos na explicação dos dados acima referidos: quais adjetivos são adequados para formação de uma exclamativa?; por que o morfema de grau aumentativo licencia a força exclamativa e o morfema diminutivo não? Entre outras perguntas.

Apresentei o pano de fundo teórico que usei, sendo ele o programa minimalista de Noam Chomsky (1995) e a proposta cartográfica de Rizzi (1997). Neste último trabalho, em que se propõe o desmembramento da camada CP, a camada force, que é a camada em que está presente as informações da força ilocucionária da sentença, é a de maior relevância para este trabalho. Depois, fiz uma revisão da bibliografia sobre frases e

sentenças exclamativas, disse quais propostas pretendo seguir e quais pretendo discordar. Por fim, expus a metodologia que usarei nesta pesquisa.

No segundo capítulo, propus respostas para as questões de ordem sintática sobre as exclamativas-Wh não sentenciais do Português Brasileiro. Analisei a proposta de Sibaldo (2016), colocando-me contrário às suas conclusões. Apresentei dificuldades que se colocam contra a análise das exclamativas feita pelo autor, nomeadamente, procurei refutar a ideia de que as frases em questão apresentam estrutura sentencial, Para tal, argumentei, usando o trabalho de Sieiro (2020), que o núcleo C, que supostamente existiria na estrutura, não pode ser preenchido sem gerar frases agramaticais, o que sugere que o CP não se encontra presente nesse tipo de exclamativa, considerando o fato de que em outras construções que apresentam um CP (como as relativas, as interrogativas e mesmo as exclamativas sentenciais) esse procedimento é autorizado.

Assim sendo, lancei a proposta de que as exclamativas que foram o objeto desta dissertação têm caráter não-sentencial. Argumentei que a estrutura dessas frases contém uma projeção de grau que domina uma projeção adjetival, seguindo a proposta de Zamparelli (1993), baseando-me também no entendimento de Abney (1987) sobre a estrutura do AP. Postulei que, como há dois comportamentos sintáticos distintos para os morfemas de grau (apenas o aumentativo, e não o diminutivo, é capaz de ativar a fora exclamativa), deveria haver mais de uma posição sintática em DegP para relacionar esses morfemas.

Com base na análise de Armelin (2011), postulei que há duas projeções de grau aumentativo “ensanduichando” uma projeção de grau diminutivo em DegP, sendo a ordem, de cima para baixo, a seguinte: DegMaxp2, DegMin, DegMaxP1. Apenas a ativação do DegMaxP2 pode licenciar a força exclamativa, não estando disponível essa capacidade às outras duas projeções.

Sugeri, ainda, que a cartografia de DegP pode ser ainda mais rica, a julgar por algumas evidências verificadas nos dados. Argumentei em favor da existência de pelo



menos uma projeção de Tópico interna ao DegP. Essa análise foi motivada por frases como *Carrão esse seu*, *Esse seu carro*, *que lindo!* em que há um claro deslocamento do nome para a esquerda da construção

No terceiro capítulo, analisei as questões de ordem semântica das exclamativas-wh não sentenciais do português Brasileiro. Avaliei a proposta de Sudré (2020), sobre o papel dos diferentes tipos de adjetivos em exclamativas curtas. Aceitei parcialmente as ideias da autora; mais especificamente adotei a conclusão de que ser de grau é característica essencial para que um adjetivo nu (sem morfologia de grau) possa aparecer em contextos expressivos.

Identifiquei, entretanto, uma situação em que adjetivos sem grau podem aparecer em frases exclamativas: quando estes são acrescidos de morfologia de superlativo. Ao contrastar esta morfologia com a de diminutivo, argumentei que existe um paralelo entre os dois morfemas e os adjetivos de grau e sem grau. Especificamente, procurei demonstrar que do mesmo modo que adjetivos de grau possuem a semântica de avaliatividade, o morfema de superlativo também permitiria uma leitura avaliativa, possuindo, assim, o morfema EVAL em si. Tal leitura não está disponível para adjetivos sem grau nus e para o morfema de diminutivo.

Demonstrei também que na ausência de um adjetivo em uma frase exclamativa, como em *Que carro!*, *Carrão!*, a propriedade que estará sendo considerada deverá ser necessariamente apreciativa e positiva, o que aponta para um viés de positividade da enunciação de exclamativas.

Por fim, para unificar as análises semântica e sintática, mostrei que nomes e adjetivos sem grau devem subir para DegMaxP2 para valorar o traço afixal do morfema de grau máximo que reside no núcleo dessa projeção. Ao serem fundidos, esses termos também ganham o morfema EVAL, que está junto ao morfema de grau máximo, ganhando assim semântica de avaliatividade.

## REFERÊNCIAS

---

- ABNEY, S. P. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Tese (Doutorado) - Curso de Linguistics, Massachusetts Institute Of Technology, Massachusetts, 1987.
- ARMELIN, P. Sobre a interação entre as marcas de diminutivo e aumentativo no português brasileiro. *ReVEL*, edição especial n. 5, 2011
- BRASOVEANU, A.; RETT, J. Evaluativity across adjective and construction types: An experimental study. *Journal of Linguistics*, v. 54, n. 2, p. 263-329, 2018.
- BERNSTEIN, J. *Topics in the Syntax of Nominal Structure Across Romance*, PhDDissertation, CUNY, 1993
- BOWERS, J. "Adjectives and Adverbs in English," *Foundations of Language* 13: 529–562., 1975
- CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. Small clauses: Some controversies and issues of acquisition. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. (Eds.). *Syntax and semantics: small clauses*. California: Academic Press, v. 28, p. 1-23.1995
- CASTROVIEJO E. A degree-based account of wh-exclamatives in Catalan. *Proceedings of Sinn Und Bedeutung*, 11, 134-149. 2007
- CHENG, L.. *On the Typology of Wh Questions*. PhD diss., MIT, 1991
- CHOMSKY, N. *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995
- CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: The framework. In *Step by step: Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*, ed. Roger Martin, David Michaels, and Juan Uriagereka, 89–155. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000.

- CORVER, N. “The Internal Syntax Of The Dutch Extended Adjectival Projection”, *Natural Language and Linguistic Theory* 15: 289-368, 1997 Kluwer Academic Publishers. 1997
- CORVER, N. Much-support as a Last Resort, *Linguistic Inquiry*, 28, 119-164. 1997b
- FELSER, C. Verbal Complement Clauses – A Minimalist Study of Direct Perception Constructions. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.  
Doi: <https://doi.org/10.1075/la.25>
- GUTIÉRREZ-REXACH, J. *Spanish Root Exclamatives at the Syntax/Semantics Interface*. Catalan journal of linguistics, ISSN 1695-6885, Vol. 7, 2008
- JACKENDOFF, R. *X-bar Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press. 1977
- KAYNE, R. *Movement and silence*. New York: Oxford University Press, 2005
- KENNEDY, C. ,MCNALLY, L. *Scale structure, degree modification and the semantic typology of gradable predicates*. *Language*, 81(2):345–381, 2005
- LARSON, R.K. *On Shell Structure* (1st ed.). Routledge, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203429204>
- LASNIK, H. Verbal Morphology: Syntactic Structures Meets the Minimalist Program. In *Evolution and revolution in linguistic theory: Essays in honor of Carlos Otero*, ed. by H. Campos and P. Kempchinsky, 251-275. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1995.
- LEOPOLDINO, M. *Exclamativas-wh não sentenciais do português brasileiro: uma análise preliminar*. In: 24º Congresso de Iniciação Científica da UnB e 15º Congresso de Iniciação Científica do DF, UnB, Brasília, 2018
- LEOPOLDINO, M. *Exclamativas-WH Não Sentenciais Do PB; Características Sintáticas E Questões Iniciais*. Relatório final de projeto de Iniciação científica. Universidade de Brasília, 2019
- MARTINHO, F. *Sintaxe e Semântica dos Adjetivos graduáveis em Português*. Tese de Doutorado. Universidade de Aveiro. 2007

- MATUSHANSKY. O “Head Movement in Linguistic Theory.” *Linguistic Inquiry*, vol. 37, no. 1, 2006
- PINHEIRO, C. da S. Adjetivos em small clauses livres: (im)possibilidades e contrastes. In: TESCARI NETO, Aquiles; GOMES, Ana Quadros (orgs.). *A Interface Sintaxe-Semântica: adjetivos e advérbios numa perspectiva formal*. Editora Pontes, Campinas (SP). No prelo.
- RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: *Elements of grammar: Handbook of generative syntax*, ed. by Liliane Haegeman, 281–337. Dordrecht: Kluwer., 1997
- RIZZI, L; BOCCI, G. The left periphery of the clause – primarily illustrated for Italian. In: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. C (Eds.). *Blackwell Companion to Syntax, II edition*. Wiley-Blackwell, New Jersey, 2017.
- RETT J. Degree modification in natural language. Diss. Rutgers University-Graduate School-New Brunswick, 2008
- RETT, J. *Exclamatives, Degrees and Speech Acts. Linguistics and philosophy*, 2011
- SIBALDO, M. A. Semelhanças e diferenças entre duas sentenças exclamativas do português brasileiro. In: Gragoatá, n. 40, Niteroi, RJ, 2016.
- SIEIRO, P. sentential wh-exclamatives in brazilian portuguese. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- SIEMUND, P. *Exclamative clauses in English and their relevance for theories of clause types Studies in Studies in Language*, 2015
- SUDRÉ T. *Efeitos gramaticais da classe semântica do modificador: o licenciamento e a interpretação dos adjetivos (de grau) relativo*. Dissertação (Mestrado em linguística) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.
- ZANUTTINI, R; PORTNER, P. Exclamative Clauses: At the Syntax-Semantics Interface. *Language*, 2003
- ZAMPARELLI, R. Pre-nominal modifiers, Degree phrases and the Structure of AP. In: *Working papers in Linguistics*, vol. 3 University of Venice, 1993.